

6.

A mística de Francisco de Assis como reconciliação à paz e na “irmã nossa, a morte”**Considerações iniciais**

Prosseguimos a análise interna do texto, para demonstrar a dinâmica imanente da vida humana, quando somos impelidos a descobrir aí o princípio-esperança, a prospectiva e a tendência para o futuro. O ser humano, em todos os tempos, sonha com uma situação totalmente reconciliadora com o mundo, com as outras pessoas e com o Absoluto; almeja uma purificação existencial; experimenta a crise, a crítica e o julgamento sobre si mesmo e sobre a situação que o envolve; entrevê a possibilidade real de uma absoluta frustração, fruto da liberdade exercida no corpo do mundo e nas relações, muitas vezes cercadas de incertezas e dubialidades. Ora radicalizando essas experiências, decantando-as de forma limitada e deficiente como se realizam aqui e projetando-as para o futuro no modo de plenitude e absoluta perfeição, eis o modo responsável como podemos falar de reconciliação, paz, falar do tempo futuro.

É a pessoa de fé que reconhece a irrupção desse futuro amplo e livre no evento de Cristo; a esperança que aí se inflama mede os horizontes que se abrem para uma existência, mesmo se ferida pelo pecado, viver sob a graça da misericórdia e do amor imenso que impulsiona a vida para o seu futuro. A fé une o ser humano a Cristo, a esperança abre essa pessoa de fé para o vasto futuro de Deus. Por isso, como afirma Jürgen Moltmann: “a esperança é a companheira inseparável da fé”⁹⁹⁴.

Francisco, nos últimos meses de vida, depois de um extremo e quase inútil recurso a um médico de Sena, é transferido para Assis, passando a hóspede no Palácio do Bispo Guido; pode-se deduzir que também ele está

⁹⁹⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Ed. Teológica/Loyola, 2005, p. 35: “Na vida cristã, como se pode ver, a fé *pe o prius*, mas a esperança detém o primado. Sem o conhecimento de Cristo pela fé, a esperança se torna uma utopia que paira em pleno ar; sem a esperança, entretanto, a fé decai, torna-se fé pequena e finalmente fé morta. Por meio da fé, o ser humano entra no caminho da verdadeira vida, mas somente a esperança o conserva nesse caminho. Dessa forma, a fé em Cristo transforma a esperança em confiança e certeza; e a esperança torna a fé em Cristo ampla e dá-lhe vida”.

tomado pelo fascínio de Francisco e tem por ele, mais do que nunca, afeto e devoção, tanto que o acolhe em sua casa⁹⁹⁵.

Contemplaremos a segunda parte do Cântico (10-14), acrescentadas nos momentos seguintes por Francisco, como já elaboramos anteriormente, em situações emergentes e que guardam o definitivo da sua mística. Nosso estudo apresentará as duas últimas estrofes, respectivamente tratando do perdão e da morte, são acréscimos posteriores, que em circunstâncias muito especiais traduzem a mística de Francisco, em perspectivas evangélicas, a bem-aventurança da paz e a síntese e entrega da sua vida diante de Deus, um convite para a conversão e vivência sob a vontade santíssima do Senhor.

Destarte, tomamos a resolução de separar do contexto dos louvores com as criaturas e tratar estas duas estrofes no seu conjunto, uma vez que fazem parte constitutiva do Cântico, e são elaboradas no contexto do louvor, na reconciliação e na irmã morte.

Constitui uma recordação das bênçãos divinas para aqueles e aquelas que vivem, trabalham e se relacionam fraternalmente sobre a terra: os pacíficos, os sofredores, aqueles que suportam em paz sofrimentos físicos e aflições morais por amor de Deus; portanto o louvor a Deus pela última e universal irmã dos seres humanos, a “morte corporal”, nefasta para os pecadores e bem-aventurada para os justos. Por fim, fazendo eco à invocação e ao tema inicial, o convite dirigido a todos os seres humanos e bendizer, a agradecer, a servir o Senhor, sobre a terra, “com grande humildade”⁹⁹⁶.

O Cântico corrige a falsa interpretação da mística do *Poverello*, pois o texto convida a evitar entender a mística da criação segundo uma fragmentada ou seccionada do mundo, na qual somente caberia a beleza e a alegria, da qual estariam excluídas a dor e a culpa. O que seria uma falsa interpretação do Cântico, como evidenciam, sobretudo as duas últimas estrofes, acrescentadas por Francisco. Estas duas últimas estrofes ao contrário de imprimir uma ruptura

⁹⁹⁵ Francisco “aí esteve a contragosto”, como conclui o estudioso Raoul Manselli, ainda lemos “da maneira mais simples e ligeira, foi-se embora logo que pode. Como sempre na sua existência o seu primeiro e mais verdadeiro plano da realidade permanecia o laço dos afetos na sequela Christi, também esta sempre inspirada pelo amor” *Ibid.*, p. 323.

⁹⁹⁶ Cf. CAMPAGNOLA, S., Introdução às Fonti Francescane. *Op. Cit.* p. 86-97.

interna, traduzem o fundamento sobre o qual se baseia seu mais radical louvor místico ao Criador⁹⁹⁷.

O Cântico propriamente dito termina com a estrofe consagrada à “nossa irmã, a mãe terra”. Como vimos estas duas estrofes são inspiradas em circunstâncias particulares. Datando de outubro de 1225 toda a primeira parte do Cântico, a penúltima só é composta em julho de 1226, no Palácio episcopal de Assis, a fim de pôr termo à luta entre o Bispo e o Podestà da cidade; ela é essencialmente um hino ao perdão e à paz. E o encontro do homem reconciliado com sua própria história, com sua própria finitude na simbologia da entrega última pelas mãos da irmã morte, à bem-aventurança da santíssima vontade do Senhor.

O Cântico aponta para uma realidade mística de confraternização e reconciliação. A harmonia mística desejada por Francisco, é o fruto da paz, segundo a concepção de Francisco, convite para reencontrar dentro de si as condições interiores da paz, como se depreende do desencontro entre o Bispo e o Prefeito de Assis, dado que Francisco, mais do que simples ato exterior, visa a conversão interior onde o ser humano reencontra o melhor de si, deixando-se guiar pelo espírito do Evangelho: assim, como veremos o desejo missionário de Francisco bem sucedido, o pacto exterior realizado em clima de sinceridade, cria uma nova harmonia entre os seres humanos.

Por fim, concluiremos o capítulo com o retorno do tema da abertura. Como uma antífona ao Cântico, o convite que o santo faz ao louvor, ao agradecimento diante do Senhor por sua obra que continua a criar sob o seu cuidado eterno. Que todos os seres da criação se alegrem na sinfonia de ação de graças, servindo ao Senhor na fraternidade dos humildes, com grande humildade, a atitude de esvaziamento contemplada no Senhor, deverá ser a missão de todos e todas que seguem o Senhor.

⁹⁹⁷ Cf. GERKEN, A., La intuición teológica de San Francisco de Asís. *Op. Cit.* p. 173.

6.1.

A atitude mística de Francisco de Assis convoca ao louvor com o perdão e com a paz

Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor, e suportam enfermidades e tribulação. Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz porque por ti, Altíssimo, serão coroados (Cnt 10-11).

Praticamente, a estrofe dirigida ao perdão contempla as últimas preocupações evangélicas da vocação da vida de Francisco, revestidas do louvor místico, a composição da penúltima estrofe do poema. Basta observar o salto que se faz dos louvores cósmicos às realidades do mundo e do ser humano. A travessia desta passagem, que se realiza no Cântico, demonstra a sua concepção unitária da criatura.

À primeira vista parece que não há ligação com o que precede. Já não são os mesmos termos e as preocupações nela expressos. Sendo inteiramente voltado até então para a realidade da identidade das criaturas identificadas e formando um místico louvor cósmico, o poema de Francisco de repente se concentra nas realidades humanas, no destino da pessoa humana em luta com seus semelhantes, com as enfermidades últimas e as provações de todo gênero.

A atmosfera aqui é outra. O louvor dos elementos cósmicos se desenrola inteiramente sob o signo duma fraternidade sem nuvens e sem sombras; esta penúltima estrofe, ao contrário nos faz imergir num mundo pleno de tensões, de conflitos e de sofrimentos. Para Francisco esta estrofe está em consonância com toda a obra, mais ainda com toda a sua vida, e brotou da mesma inspiração fundamental⁹⁹⁸.

O Cântico não teria o seu valor místico se ao centro não tivesse Deus, o “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor” e o ser humano. E de fato, nesta estrofe ele demonstra que a sua visão não se concentra somente na comunhão com Deus e as criaturas irracionais. Ele desce até a realidade concreta da pessoa humana, homem e mulher, ao qual ele manifesta a sua fraternidade humana, carregada de amor e afetividade⁹⁹⁹.

⁹⁹⁸ Cf. LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 130.

⁹⁹⁹ É o que afirma Aldir Crocoli: “o decisivo é seguir o caminho da transcendência (ser capaz de descer aos lugares inferiores na constituição social) e ali permanecer. No dizer do pró-

Neste verso Francisco demonstra o seu amor à pessoa humana sem fazer distinção. Para ele o que importa é a pessoa concreta. Aqui simbolizados na pessoa do Bispo de Assis e o Podestà. Já aos frades, com profunda afetividade amorosa, Francisco exorta:

Aqueles que querem viver religiosamente nos eremitérios sejam três irmãos no máximo quatro; dois deles sejam as mães e tenham dois filhos, ou um pelo menos. Esses dois, que são as mães, levem a vida de Marta, e os dois filhos levem a vida de Maria (cf. Lc 10,38-42) (RE 1-2)¹⁰⁰⁰.

Este texto nos faz compreender o quanto Francisco possui uma compreensão e uma visão da pessoa em si, na sua individualidade, com sua história, como uma realidade única, pois todos são indivíduos que devem ser amados¹⁰⁰¹. Desta forma, ele não condena nem o Bispo e nem o Podestà, somente os ama porque pessoas, homens e imagem do Deus Altíssimo.

Francisco, com heróica generosidade mística, declara que nossos perseguidores, isto é, aqueles que nos afligem injustamente e de várias maneiras, no fundo são nossos amigos, porque em virtude do que nos fazem, possuímos a vida eterna. Por isso devemos amá-los muito (cf. RNB 22,3-4); amá-los mais ainda por amor de Deus (cf. Ad 3,8) e porque, afinal de contas, nos ajudam a merecer gáudio imperecível (cf. RNB 22,4).

O exemplo de Cristo, que se oferece espontaneamente aos seus algozes e chama amigo a seu traidor, deve confortar-nos neste difícil escopo de busca da plenitude do amor (cf. RNB 22,2). Também a generosidade do perdão, que devemos conceder aos outros e que, mais ainda, devemos pedir para nós mesmos, é eminente expressão de amor. “Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor”, canta Francisco em tom convidativo e exortativo (cf. 2C 89)¹⁰⁰².

prio Francisco: ser irmão menor” CROCOLI, A., Francisco: o peregrino da paz. Disponível em www.unisinos.br/ihu.

¹⁰⁰⁰ Da mesma forma Francisco escreve na Regra Não Bulada “E cada qual ame e nutra a seu irmão, como a mãe ama e nutre o seu filho” (RNB 9,11). Ainda na Regra Bulada: “E onde estão e onde quer que se encontrem os irmãos, mostrem-se mutuamente familiares entre si. E com confiança um manifeste ao outro a sua necessidade, porque, se a mãe nutre e ama o seu filho carnal, quanto mais diligentemente não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual?” (RB 6,8-9).

¹⁰⁰¹ Para a antropologia san franciscana MERINO, J. A., Antropologia. Manual de Filosofia Franciscana. *Op. Cit.* p. 181-222; Id., Umanesimo Francescano. Francescanesimo e mondo attuale. Assis: CE, p. 79-115.

¹⁰⁰² Cf. TEMPERINI, L. Amor de Deus, amor do próximo. In: *DF*, p. 60.

Este é o ápice do amor para com os irmãos e irmãs, reflexo concreto do amor perfeito que têm Deus como princípio e fim. Amar os outros por amor de Deus e como Deus os ama; amar em nome daquele Senhor que é chamado *Caridade* (cf. LP 53).

A fraternidade mística vivida por Francisco, convoca ao louvar com o perdão e com a paz. A experiência de paz assumida por Francisco se inspira no amor do não amado e na reconciliação com as pessoas, antecipada pela relação de comunhão e reconciliação do ser humano, homem e mulher, com a natureza, o que quer significar que a confraternização cósmica sonhada e vivida pelo pobre de Assis é acompanhada da mediação das criaturas, revelando assim que é possível ao ser humano conviver em paz com a pessoa do próximo e com todas as criaturas¹⁰⁰³.

Esta penúltima estrofe, consagrada à fraternidade, propriamente humana, como também a última, da “irmã nossa, a morte”, sob o signo do perdão e da paz, devem ser interpretadas como o emergir do sentido latente e profundo do próprio louvor cósmico, após um tempo de pausa e de amadurecimento, eleva-se a estrutura e a envergadura da personalidade no seu mais sublime diálogo com a sua vocação à fraternidade mística com a pessoa do irmão.

6.1.1.

A Criação sob o signo do perdão e reconciliação: o amor que sofre e perdoa

Vislumbramos uma compreensão da intenção mística de Francisco a partir desta passagem poética. Todas as outras Criaturas inanimadas são chamadas a louvar a Deus nas suas qualidades e segundo o seu ofício natural, mas o ser humano é recordado no momento de perdoar e na condição de debilitado sofrimento.

Aqui se acha a verdadeira significação do Cântico, onde as criaturas permanecem num plano inferior de felicidade sem mérito, o ser humano aparece com os estigmas de Francisco. Portanto segundo esta visão, as criaturas não serão mais vistas como meros objetos, que podem ser manipuladas e utilizadas para a ganância e o poder. Neste caso, nem as

¹⁰⁰³ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 26.

criaturas e nem o ser humano são objetos de mercado. A mística do Cântico, colocar a criação toda sob o signo do perdão, por amor que sofre e perdoa, aponta para a consciência que não contempla as criaturas como algo que lhe está ao externo, mas, como um componente da vida do ser humano. Ao terminar a lição sobre a Perfeita Alegria, Francisco diz a frei Leão:

Ouve, pois a conclusão, irmão Leão. Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, está o de vencer-se a si mesmo, e voluntariamente pelo amor de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar por não serem nossos, mas de Deus, do que diz o Apóstolo: “Que tens tu que o não hajas recebido de Deus? E se dele o recebeste, por que te gloriasses como se o tivesses de ti?” Mas na cruz da tribulação de cada aflição nós nos podemos gloriar, porque isso é nosso e assim diz o Apóstolo: “Não me quero gloriar, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo(Fior.8).

Toda a criação é uma estância do ser humano, com a qual ele deve saber reconciliar-se, caso contrário, a vontade de poder e a agressividade do ser humano o levaria a revelar-se contra a própria pessoa humana e a sua dignidade, transformando-se na mais horrenda catástrofe contra a criação, contra todas as criaturas.

Francisco exorta os bem-aventurados que estão no universo exterior onde os felizes mortais que, perdoando por causa do amor de Deus, por Ele suportam a doença e as tribulações. Eles são os pacíficos e por perdoar e reconciliar possuirão a glória de Deus.

Fora as discussões que surgiram ao redor do ambiente da composição do Cântico, como já apresentadas aqui, encontramos à primeira vista o mundo das tensões, dos conflitos e dos sofrimentos que sobrevasta a sociedade medieval europeia e em particular aquela assisense. No momento da contenda entre o Bispo de Assis e o Podestà governador de Assis, Opórtulo, Francisco os reconcilia fazendo com que seus frades cantem o Cântico, ao qual acrescenta, naquela circunstância, uma estrofe exaltando os que perdoassem por amor de Deus (cf. LP 44)¹⁰⁰⁴.

O *poverello* não convida o Bispo e o *Podestà* para assinarem um acordo ou um pacto de boa vizinhança, quando toda a população de Assis sabe que eles se odeiam de morte. Mas pede-lhes um gesto de boa vontade e de perdão

¹⁰⁰⁴ CROCOLI, A., Francisco, a não-violência e a paz. In. *Cadernos da ESTEF* 35 (2005), p. 74.

para o reencontro da paz por amor de Jesus Cristo. Não se trata de uma intervenção para dirimir um conflito, para esclarecer as razões e as culpas de uma ou de outra parte, para sugerir um compromisso ou oferecer uma mediação. É a proposta de um modo diferente de se colocar diante dos outros, que só em si mesmo tem sua força e só em referência a Jesus Cristo, sua justificação¹⁰⁰⁵.

Faz-lhes um convite à generosidade interior para ultrapassarem o sentimento de ódio e de vingança e, deste modo, reviverem a bem-aventurança da paz. A reconciliação é um dos casos mais típicos para compreendermos que para o *Poverello* a paz e a discórdia têm uma relação íntima com o mundo místico de cada ser humano. Por fim, a paz surge como um árduo empenho e louvor do ser humano plenamente reconciliado com o Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, consigo, com os irmãos e irmãs e com todas as criaturas do universo¹⁰⁰⁶.

O efeito é imediato. Ambos se perdoam e se abraçam efusivamente. A população de Assis delira participando da ação mediada por seu filho melhor, o *poverello* e *fratello*, instrumento de paz social¹⁰⁰⁷.

Francisco não se preocupa em elucidar quem está com a razão. Recorda a necessidade do perdão e a capacidade de suportar enfermidades e toda a sorte de tribulações sociais e morais em paz para ser coroado por Deus. Francisco é um profeta da paz. Age como um trabalhador incansável pela paz, na perspectiva do espírito das bem-aventuranças (cf. Mt 5,9) como aponta esta estrofe do Cântico. A paz que deve ser ativamente buscada. Francisco é um artesão da paz, indica-nos que o labor pela paz não significa ausência de compromisso com a justiça. Trabalhar pela paz é “não fazer da luta um fim último, nem se acostumar a ela, nem mesmo nela depositar toda a sua confiança. Ou seja, não convertê-la em mística”¹⁰⁰⁸.

Os artífices da paz são aqueles que, mesmo em situações de luta – inevitáveis na trajetória libertadora – buscam humanizar os conflitos e

¹⁰⁰⁵ Cf. MICCOLI, G., Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 78.

¹⁰⁰⁶ Cf. NEVES, M.C., *São Francisco de Assis*. Profeta da paz e da ecologia. Petrópolis: Vozes, 1992, p.63.

¹⁰⁰⁷ Cf. BOFF, L., *A Oração de São Francisco*. Uma mensagem de paz para o mundo atual. Rio de Janeiro: Sextante, 1999, p. 68.

¹⁰⁰⁸ SOBRINO, J. Espiritualidade y seguimiento de Jesus. p. 466. Apud. TEIXEIRA, F.L.C. A espiritualidade do seguimento. *Op. Cit.* p. 29

potenciar os meios para dissolvê-los, reconduzindo à fraternidade e, Francisco é um ‘lugar’ escolhido por Deus para ser este instrumento favorável¹⁰⁰⁹.

Na qualidade das relações humanas de Francisco, mais que em sua amplitude e seu volume, que devemos fixar a atenção. Deste ponto de vista, compreendemos dois traços característicos de relação humana em Francisco. Em *primeiro* lugar, acentua-se fortemente o encontro pessoal. Chesterton diz humoristicamente de Francisco que “a árvore lhe ocultava a floresta”¹⁰¹⁰. Ele não vê a multidão ou a humanidade em geral, mas o indivíduo, o ser pessoal, singular, com sua história e sua vocação particulares. Cada pessoa é uma realidade única, objeto dum amor único. Um *segundo* traço caracteriza as relações de Francisco com seus semelhantes. Então estas relações sob o signo da paz. No seu Testamento escreve: “O Senhor me revelou que disséssemos: o Senhor te dê a paz” (Test. 23)¹⁰¹¹. Não se trata de uma simples fórmula. Esta saudação exprime uma atitude e uma vontade muito profundas de reconciliação. Francisco lhe dá seu sentido bíblico e evangélico. A paz que ele deseja a todos e a cada um é o favor de Deus, o perdão, à volta a graça, a amizade divina recuperada, numa palavra, a reconciliação total com Deus; e é, por isso mesmo, também a reconciliação das pessoas entre si e consigo mesmas, no mesmo espírito da misericórdia. É a paz que Cristo veio trazer e propor às relações humanas.

A mística do perdão é aquela dimensão que transporta o ser humano da sua realidade de escravidão, àquela que é a dimensão querida por Deus, à reconciliação. É próprio por meio desta reconciliação, feita de amor e paz que Deus coroa o ser humano no verdadeiro Adão, permitindo-o caminhar com liberdade e solidariedade com o ser humano, lado a lado, como pessoas e criaturas amadas pelo Criador¹⁰¹².

¹⁰⁰⁹ Cf. *Ibid.* p. 30.

¹⁰¹⁰ Apud., LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 131.

¹⁰¹¹ “A esta paz, destinada às casas nas quais os frades entram, acrescente-se a saudação idêntica dirigida a todos os que encontrarem pelo caminho. Como Francisco escreve em seu Testamento. Esta prática vai além do que vinha previsto no discurso de envio dos discípulos em missão. Tem sua origem em Francisco e em sua inspiração. Pode-se dizer que deriva do texto em questão e completa suas recomendações. Sabe-se igualmente que Francisco, desde o começo, nos seus sermões deseja a paz. “Em todas as pregações, antes de propor aos ouvintes a palavra de Deus, invocava a paz dizendo: “O Senhor vos dê a paz” (1 Cel 23). PAUL, J., Paz, In.: *DF*, p. 540.

¹⁰¹² Cf. ESSER, K., Francisco de Asís y los Cátaros de su tiempo. In.: *SF* 13-14 (1976), p. 158-168.

É próprio em base ao mistério da misericórdia de Deus que Francisco se descobre amado por Deus, e instrumento de reconciliação com o seu semelhante em Jesus Cristo o Reconciliador do universo. No seu Testamento Francisco recorda a iniciativa do Senhor: “E o Senhor mesmo me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles”(Test. 2).

6.1.2.

Francisco de Assis, uma vida que testemunha e anuncia a paz

À estrofe em que o homem doloroso afirma a certeza de que será coroado pelo Altíssimo, pode seguir-se com naturalidade a estrofe da ‘morte corporal’. Já agora, última das criaturas, à semelhança de um pássaro noturno, a irmã morte pousa sobre o ombro do homem de Assis; mas já não lhe pode causar nenhum mal. Francisco no jardim de São Damião, antes de regressar à Porciúncula, com os olhos semiapagados entoia o seu Cântico e encerra o tempo da vida dolorosa e dá início aos primeiros passos além dos confins do Reino¹⁰¹³.

Francisco testemunha, com mística evangélica (cf. Mt 5,9) e anuncia a paz. A Paz definitiva, que é Deus. A paz tem para Francisco o sentido bíblico de reconciliação de tudo e de todos, como o estado de bem estar perfeito; é mística contemplativa, é condição à qual não falta nada. Este estado de bem-estar é identificado com a divindade. O ser humano que procura intimamente unir-se à divindade, este vive a paz, realiza o objetivo místico, realiza a palavra que vivifica. Portanto, mística não é o estado de oração muda no ser humano diante de Deus, deixando-se absorver por seu amor, por sua vontade. É o estado dinâmico da procura de Deus através das coisas criadas¹⁰¹⁴.

A paz, que é vivida por Francisco, resultado do testemunho interior, é alcançada através de três estágios, diz São Boaventura (que representa o pensamento teológico de Francisco): olhar e meditar aquilo que está fora de nós; depois, o que está em nós e finalmente o que está acima de nós. Em cada

¹⁰¹³ Cf. CAMPAGNOLA, S., Introdução às Fonti Francescane. *Op. Cit.*, p. 140.

¹⁰¹⁴ Cf. MACKENZIE, J.L. Paz. In.: *DB*. p. 704.

estágio vemos Deus; primeiramente como ‘em espelho’, ‘através do espelho’ e finalmente ‘no espelho’¹⁰¹⁵.

Na sua experiência mística, Francisco se relaciona com Deus *pelas* coisas, *no* ser humano e acima do ser humano. O ponto máximo da mística é o ‘êxtase’, que nada mais é do que a posse da paz. Por ser uma pessoa essencialmente mística, Francisco é testemunha e anuncia essa paz. Paz que não é apenas um lema ou o desejo de bons votos, de felicidades. É a indicação do objetivo a que toda pessoa humana deveria aspirar: o estado de bem-estar perfeito, ser feliz, com todas as coisas reconciliadas. Daí que para Francisco a mística, como procura da intimidade com Deus, é feita de gestos concretos, ou seja, a paz, fruto desta mística interior, é construída pela renúncia aos bens: “Quando os irmãos vão pelo mundo, nada levem pelo caminho...” (RNB 14,1); pela não-apropriação (bens e apropriação dividem): “Cuidem os irmãos... de não se apropriarem de nenhum lugar nem o reivindiquem de ninguém” (RNB 7,13).

Pelas atitudes pacíficas, Francisco, na Regra Bulada aconselha, admoesta, exorta os irmãos frades: “Que quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém” (RB 3,11-12); e pelo serviço aos irmãos, exorta Francisco: “Nas casas em que servem... Sejam os menores e submissos a todos que estão na mesma casa” (RNB 7,2)¹⁰¹⁶.

Francisco exige a vivência do testemunho da paz pela desapropriação (vida humilde) e pobreza. O desejo de possuir os bens é a fonte de conflitos; bens e apropriação dividem as pessoas, não as unem; destroem a paz, que é reconciliação. Portanto, para Francisco o verdadeiro frade menor, no seguimento de Jesus Cristo, é aquele ser desapegado, pacífico e servicial¹⁰¹⁷.

¹⁰¹⁵ Cf. Apud. PEDROSO, J. C. C., “Nós e a oração contemplativa”. In.: *Regra e Vida* 80 (1976). Ver a Deus, ‘como em um espelho’ é a afirmação bíblica sobre o nosso limitado conhecimento de Deus aqui na terra; as coisas exteriores mostram Deus. Ver ‘através do espelho’ designa a visão mística das coisas interiores a partir das coisas exteriores; ver ‘no espelho’ designa a visão mística das coisas que estão acima de nós, as realidades transcendentes. Das coisas que vemos (como em um espelho) somos levados (por elas) às realidades interiores, nossas (através do espelho), e destas, à realidade íntima de Deus (no espelho), p. 81-87.

¹⁰¹⁶ Cf. STRABELI, M., Subsídios para uma leitura franciscana da Bíblia. *Op. Cit.* p. 38.

¹⁰¹⁷ Cf. PEDROSO, J. C. C., *Os olhos do Espírito*. Piracicaba: CFE, 1991, p. 239-240.

A conquista da paz é fruto da atividade mística, pois a paz é projeto de Deus. Esse projeto está nas Escrituras, na História da Salvação. Por isso a paz que Francisco vive e prega é fruto concreto de sua leitura da Palavra de Deus que faz dele um profeta inquieto da paz, é a sua hermenêutica mística¹⁰¹⁸. Francisco exorta seus frades a anunciar a paz e testemunhá-la com doçura. Esta última se torna o caminho da comunicação para atrair todos os fiéis para a verdadeira paz, a bondade e a concórdia. Este objetivo final compreende a reconciliação entre as pessoas. O modo como Francisco dita aos frades o mandamento da paz (cf. Adm 15) é o mesmo que ele indica, fazendo com que se cante o Cântico acrescido da estrofe da paz, com o objetivo a ser cantado na presença do Podestà e do Bispo de Assis. Estamos diante de um princípio de renascimento espiritual que acaba por levar à concórdia dos bens espirituais.

6.1.3.

A mística da paz em Francisco de Assis: uma intervenção profética

Conscientemente Francisco lança, ao longo do caminho, o fermento da concórdia e tem esperança que seus discípulos darão o mesmo testemunho profético, testemunho vivo da paz. A paz reflete a imensa harmonia com a natureza das criaturas e também entre os seres humanos. No Cântico, Francisco une o desejo profético de uma humanidade em harmonia com as criaturas todas em paz entre si. Paz e bem resumem o sentimento dominante na vida de Francisco¹⁰¹⁹.

O Cântico da paz, forjado à imitação do Evangelho, como primeira palavra que Francisco dirige a toda criação, e em especial aos homens e mulheres, tem o objetivo místico, pois busca sua origem na experiência de Deus, e seu objetivo profético, mandato, vontade de Deus e seu santo Espírito, abrir os corações das pessoas à paz, isto é, à força espiritual interior, princípio de renovação moral e civil. Esta palavra visa colocar o desígnio de renovação diante das criaturas todas, através do aprofundamento interior do Evangelho.

¹⁰¹⁸ Cf. STRABELI, M., Subsídios para uma leitura franciscana da Bíblia. *Op. Cit.* p. 39.

¹⁰¹⁹ Cf. PAUL, J., Paz. In.: *DF*, p. 540-541; LIBÂNIO, J.B., Eu creio. Nós cremos. Tratado de fé. *Op. Cit.* p. 135.

Francisco oferece ao mundo uma experiência mística profética¹⁰²⁰, com sua intervenção um testemunho desse desígnio¹⁰²¹.

A verdadeira paz para Francisco não consiste apenas na pacificação de cada ser humano e de todas as pessoas entre si. O *Poverello* leva-nos mais longe. Canta também a reconciliação e a paz com todas as criaturas do cosmos. Esta experiência do Irmão Universal, de Assis, tão sensível ao ser humano, ao mesmo tempo realista e escatológica, encontra sua melhor interpretação vivencial no Cântico, como profecia dos novos céus e nova terra (cf. Is 65,17) anunciada por Isaías e interpretada mais tarde, em chave cristológica, pelo autor do livro da Revelação (cf. Ap 21,1)¹⁰²².

A Consciência de que somos carregados e conduzidos por Deus, incendeia no coração de Francisco aquele fogo da bem-aventurança que não pode permanecer inativo nem se satisfaz apenas na oração. A sua expressão natural consiste no prazer de poder servir a Deus promovendo eficientemente o seu Reino tão desejado – nem que seja por um único milímetro. Não interessam méritos, mas serviço ao Reino. Acontece, porém, que amor de Deus em ações agradáveis a Deus, para Francisco, não poder passar à hipocrisia e palavreado vazio. A evocação da bem-aventurança da paz é uma resposta clara ao que Jesus ensina: “Por seus frutos os conhecereis” (Mt 7,16).

Designa o comportamento concreto do ser humano, seja nos atos, sejam nas palavras, atitudes que permitem discernir ou reconhecer a autenticidade da atividade no seguimento de Jesus. Passaremos a especificar, a seguir, o sentido da bem-aventurança da paz no contexto do seu Cântico.

Francisco cita a bem-aventurança dos pacíficos (cf. Mt 5,9) nas Admoestações, no trecho em que aparecem transcrições das bem-aventuranças evangélicas; apresenta um breve comentário:

¹⁰²⁰ “A mística profética apresenta-se, portanto, em primeiro lugar como vida, a que todo cristão é chamado (Jo 15,15), de intensa participação na oração e na contemplação do Senhor”. VAZ, H.C.L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental. *Op. Cit.* p. 60.

¹⁰²¹ Afinal, ainda mais atual impossível, a afirmação: “o mundo, como disse M. Gandhi nos anos vinte, e como disse em 1993 a Declaração do Parlamento das Grandes Religiões, está agonizando! O mandamento universal das religiões ‘Não Matarás’, possui, portanto, uma urgência absoluta e universal. O que importa, afinal, é que esta obrigação comum para a paz do mundo seja trazida à consciência religiosa e à consciência da eficácia política”. HARING, H., Apostar no que é bom. Superando a violência em nome das religiões. In. *Concilium* 272 (1997), p. 123.

¹⁰²² Cf. NEVES, M.C., São Francisco de Assis. Profeta da paz e da ecologia. *Op. Cit.* p. 63-64.

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5,9). São verdadeiramente pacíficos aqueles que, por tudo o que sofrem neste mundo, conservam a paz na alma e no corpo por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo (Ad 15)¹⁰²³.

A vocação dos pacíficos está ligada a um estado de doloroso sofrimento de Francisco, portanto em tal contexto é preciso considerar tanto a paz da alma quanto do corpo, ou seja, o ser humano integral. Esta fórmula bastante geral pode ser explicada quando comparada com a Ad 11. Francisco lembra o caso de um irmão atingido no amor a Deus pelo pecado do outro¹⁰²⁴. Francisco apresenta sua preocupação em outra Admoestação (cf. Ad 14), quando a paz da alma pode vir a ser perdida se os irmãos se escandalizam¹⁰²⁵.

Por mais legítimos que sejam determinados sentimentos, o ser humano não pode consentir neles, tem a obrigação de não se deixar perturbar e conservar a paz a despeito de do que possa provocar perturbação. Trata-se de um esforço de dominar atitudes naturais ou simplesmente humanas que questionam a vida de quem deseja viver segundo Evangelho¹⁰²⁶.

Esta penúltima estrofe do Cântico Francisco a compõe para fazer com que a paz seja uma bem-aventurança e gere bem-aventurados. Se Francisco na Admoestação 15 apresenta-se como um claro comentário da bem-aventurança, a alusão é melhor colocada em evidência por Francisco no seu Cântico. Realmente não há sombra de dúvidas a este respeito. A forma literária e os dois últimos versos são claramente inspirados na bem-aventurança dos pacíficos (cf. Mt 5,9). O encadeamento das ideias caminha de maneira paralela com a Admoestação 15. No Cântico trata-se de perdoar, de suportar provações e doenças; na Admoestação é questão do sofrimento padecido no mundo. As intenções são as mesmas, exceto na questão do perdão que completa a necessidade da paz com o ajuste da misericórdia. Conforme apresenta Francisco no Cântico¹⁰²⁷.

¹⁰²³ Cf. LAPIDE, P., *O Sermão da Montanha: Utopia ou programa?* Petrópolis: Vozes, 1986, p. 32-33. Eis o sentido aproximativo do uso que faz Francisco do texto bíblico de Mt 5,9.

¹⁰²⁴ “Ao servo de Deus nada deve desagradar, a não ser o pecado. Vive retamente sem nada de próprio aquele servo de Deus que não se ira nem se perturba por qualquer coisa” (Ad 11).

¹⁰²⁵ “Muitos há que, insistindo em orações e serviços, fazem muitas abstinências e macerações em seus corpos, mas, por causa de uma única palavra que lhes parece ser uma injúria a seu próprio eu ou por causa de alguma coisa que se lhes tire, sempre se escandalizam (cf. Mt 13,21) e se perturbam” (Ad. 14).

¹⁰²⁶ Cf. PAUL, J., Paz. In.: *DF*, p. 539.

¹⁰²⁷ Cf. TEMPERINI, L., Misericórdia, compreensão, perdão. In.: *DF*, p. 434-435.

Compreende-se que, devido às circunstâncias, tenha havido este acréscimo pelo próprio Francisco ao seu pensamento. Num caso trata-se de defender a paz e no outro, por fim, de conservá-la, o que equivale à mesma coisa. Desta maneira a paz descrita na Admoestação 15 está intimamente ligada à paz proposta pelo Cântico.

Podemos perceber a novidade da atitude de Francisco quando ele não convida o Bispo de Assis e o Podestà de Assis a concluírem um acordo, deseja sim que eles procurem reencontrar energias espirituais interiores que permitam superar o sofrimento, conceder o perdão, dominar a cólera e evitar a perturbação, em suma, que permaneçam na paz, na mística evangélica da paz. O espírito evangélico precisa impregnar as circunstâncias da vida. O Cântico de Francisco serve de estímulo a que oh homens reencontrem-se numa atitude interior que possibilite a superação de sentimentos meramente humanos.

Em Assis as biografias atestam que a mensagem é compreendida perfeitamente. De fato os destinatários reconhecem seus próprios erros e se deixam vencer pela emoção suscitada ao ouvirem o Cântico dos frades acrescido de uma nova estrofe exclusivamente destinada a eles. Renasce a paz, fruto de uma composição interior que suscita força espiritual para suportar sofrimentos e conceder o perdão. Diante deste conflito o apelo profético e evangelizador de um homem nascido das páginas do amor evangélico, consegue criar, de modo perfeito, um estado de concórdia, isto é, alcança a paz entendida no sentido medieval do termo¹⁰²⁸.

A experiência mística de Francisco vive a dimensão do perdão como artífice construtor da paz, como um valor central da vida humana, mais ainda da vida política das relações, paradigma para toda relação conflitiva em qualquer época. Graças ao perdão, a convivência fraturada, próxima ao abismo do que se considera como atos humanos, podem ser reconstruída, dando início a um novo começo. Dentro do contexto das vaidades das lutas pelo poder, uma linha divisória deve ser demarcada, pois, sem ela, a vida humana ameaça recair no caos de vinganças sem rumo, impossibilitando a fraternidade e a sororidade dos filhos e filhas de Deus.

Os ensinamentos evangélicos do perdão, conteúdo presente na vida de Jesus Cristo, assinalado com vigorosa exigência aos discípulos, na Oração do

¹⁰²⁸ Cf. PAUL, J., Paz. In.: *DF*, p. 539.

Pai Nosso (cf. Mt 6, 9-13; Lc 11,2-4), encontram dedicação devotada nos ensinamentos da vida apostólica e mística de Francisco, mediante a valorização moral do perdão, uma contribuição inestimável ao ser humano. A pessoa do outro, pelo perdão, irmão e irmã, passa a ser parceiro de um projeto comum, por maiores que sejam as desavenças subsistentes.

Francisco crê inadmissível para a consciência cristã o ódio existente entre o Bispo e o Podestà de Assis e fica admirado que, até aquele momento, ninguém estivesse se apresentado para servir de intermediário para que se chegasse a um acordo. O santo obtém um resultado concreto chamando atenção dos dois para sua maneira de interpretar os ensinamentos de Jesus. A paz adquire seu verdadeiro sentido a partir do aprofundamento místico da bem-aventurança dos pacíficos (cf. Mt 5,9; Ad 15)¹⁰²⁹.

Creemos que o importante e, o reconhecemos em Francisco, pacificador, neste caso, consiste num ato moral de pacificação, de mútuo perdão, de modo que a vida de cada um pode, enfim, recomeçar. Uma nova oportunidade de vida e relacionamento em benefício de todos. Sem o reconhecimento do perdão, estariam reféns de retaliações das mais diferentes espécies, conduzidos por aqueles que alternadamente se sentissem poderosos para empreender tais tipos de ação. Francisco recusa a violência e sabe fazer valer as suas posições por convencimento, resistência e manifestação, pela força da sua intuição, pela ‘liturgia’ do Cântico, realizada por seus confrades, como já detalhamos aqui.

Esta foi a última intervenção de Francisco em prol da paz, já que esta estrofe do Cântico é composta pelo Seráfico Pai quando se encontra com a saúde muito debilitada. Não há dúvida de que esta preocupação sempre tenha estado permanentemente no espírito de Francisco. Disso dão testemunho as biografias (cf. 2Cel 37; LP 35)¹⁰³⁰.

A experiência da fraternidade mística de Francisco ele a vive com doçura e alegria seus últimos momentos no altíssimo louvor, em profundo desapego, a opção totalizante do seguimento e sua radicalidade (cf. Lc 14,25-33), ao atravessar a noite escura, pacificado.

Chega ao término a confluência a renúncia a tudo que o mundo oferece como segurança. A conquista da liberdade, da libertação do medo da morte,

¹⁰²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 539-540.

¹⁰³⁰ Cf. CORRIVEAU, J., Que la paz prevalezca en la tierra. In: *SF* 72 (1995), p. 345-346.

transforma seu discipulado em fiel e solidário seguidor de Jesus, deitado nu sobre a terra nua, chama a morte ternamente de ‘irmã morte’... o lugar central do mistério pascal na vida cristã oferece ainda, ao pobre de Assis, a possibilidade de compreender sua condição humana, no último momento inaugurando o definitivo, de uma maneira mais dinâmica: a união aos sofrimentos de Cristo é melhor percebida desde a situação de fraqueza e vulnerabilidade onde a enfermidade o coloca dentro do caminho em direção à Vida, a passagem para a Ressurreição no vislumbrado encontro com a “irmã morte”¹⁰³¹.

É o que passaremos a examinaremos a seguir, a ‘irmã morte’ na experiência da vida de Francisco, sua contribuição última, sua visão síntese, a partir do Cântico.. Como a escatologia ilumina, conduz e consoma a breve e fecunda história da vida do homem de Assis e que resplandece ainda hoje como uma visão matinal e fundamental referência para todos nós.

6.2.

A mística do Cântico das Criaturas como louvor pela “irmã nossa, a morte”

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal (Cnt 12-12).

Mais do que a estrofe da “irmã morte”, esta seria: a estrofe do encontro existencial do ser humano com a sua própria finitude, sua própria morte¹⁰³². Como já ressaltamos, Francisco compôs esta última estrofe pouco antes do seu trânsito, sua páscoa definitiva, celebrando o novo horizonte que se lhe abre ao caminho sagrado. Dia após dia, as forças vão declinando, as dores de estômago se tornam cada vez mais fortes, a inchação das pernas e do ventre se acentuam visivelmente. Francisco, em agosto de 1226, não caminha mais, devido à

¹⁰³¹ BINGEMER, M.C., *A argila e o Espírito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 79-80.

¹⁰³² GS 18 sintetiza admiravelmente a questão antropológica da morte: a) Temor da dissolução do ser na angústia pela morte; b) Desejo humano que recusa o aniquilamento e se abre como um desejo de eternidade; c) Só uma mística que supere a longevidade e soluções intramundanas socorrem esta condição humana contraditória: ser mortal e no entanto aberto à imortalidade.

fraqueza. Suas carnes desapareceram. É simplesmente pele e osso. “Assim desgastado, acolhe a morte cantando, depois de breve e serena agonia”¹⁰³³.

“No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o Cântico, lê a Paixão no Evangelho de João e pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas” descreve Jacques Le Goff¹⁰³⁴ a experiência última de Francisco com sua irmã a morte corporal. Francisco ao entoar o Cântico chega à ‘conclusão’ da perfeita fraternidade mística. Todas as outras criaturas podem louvar a Deus no júbilo, na alegria e, especialmente na beleza¹⁰³⁵. De fato, o sol é belo, como é belo o fogo, como são claras as estrelas, coloridas as flores e preciosa a água. Numa palavra, Francisco louva a Deus com as criaturas, o júbilo louvor de Deus como Criador e Redentor:

1226. Na sua choupana, em tarde de outono, São Francisco... morreu, cantando: que nossa irmã morte seja bem acolhida. Como se acolhe o sono depois de um dia de fadiga. Que a irmã morte seja agraciada. Ela só é dura para os violentos. Seu corpo tem a placidez dos mármore. Seu rosto é um cristal de paz. Ele deseja estar nu sobre o solo nu para nascer para a vida eterna. Que nossa irmã morte seja festejada. Ela nos abre as portas de ouro do vergel de luz. Que a nossa irmã morte seja bendita. Ela, aurora no seio das trevas. Verão que jamais terminará. De São Francisco aprendamos a bem viver... e a bem morrer, para com ele podermos cantar quando chegar a nossa hora. Amém¹⁰³⁶.

Os que suportam em paz enfermidades e tribulações glorificam a Deus com o mais alto canto da sua alma. As outras palavras de beleza, de júbilo, de glória, só raramente chegam a Deus, e não possuem a preciosidade e a beleza das palavras de dor. A partir da fornalha, quase cego, com cinco chagas abertas, o estômago ulcerado, os ratos como companheiros, o calor como

¹⁰³³ ZAVALLONI, R., A personalidade de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 81. “O seu longo martírio aproximava-se do fim na mais plena consciência do santo que quis, então, concluir o seu Cântico com a última estrofe que, na sua estrutura complexa e intensa, na relação entre tempo humano e eternidade divina, entre salvação e perdição, conclui de modo perfeito o hino à criação como bem supremo, como expressão de Deus”. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 325.

¹⁰³⁴ LE GOFF, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 91.

¹⁰³⁵ Se o seu estar na alegria e o seu cantar de alegria, mesmo diante da irmã morte, têm o fundamento no seu encontro pessoal com Deus Altíssimo, o segredo deste seu estar na alegria deve ser compreendido como dom da conversão, da qual a acolhida do irmão leproso é um sinal eloquente e uma iniciação à vida futura: “E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e depois, demorei só um pouco e saí do mundo” (Test 3). Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 70.

¹⁰³⁶ Léon Chancerel. Apud. LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M.C.L., Escatologia cristã. *Op. Cit.*, p. 148.

lenitivo; enfermo até à tortura, atribulado até à angústia, Francisco, louva mais e melhor a Deus Altíssimo, com um convite que comove a Criação¹⁰³⁷.

Francisco vislumbra a realidade da morte no mesmo plano que o irmão sol, a irmã lua e estrelas, o irmão vento, a irmã água, o irmão fogo e nossa mãe terra, em sua vida. A morte é assim reinserida num contexto cósmico que a justifica: irmã. Em toda época, com ou sem preocupação de salvação, esse tema – sem dúvida espontaneamente vivido por muitos – é exposto pelo recurso literário¹⁰³⁸, símbolo de uma realidade. A morte física é uma morte natural, como o pode experimentar aquele que crê na remissão dos pecados e que já não precisa mais temer a morte, faz parte da natureza da finitude da criatura humana¹⁰³⁹.

Chamar a morte de irmã é sinal do consentimento profundo e cordial que se transforma em abertura à existência, na sua mais plena dimensão. A única via que pode impedir a abertura total ao ser diante do mistério, é o pecado que para Francisco consiste na apropriação e no manifesto desejo de possuir, o que consequentemente o leva a vê-lo como sinal e antecipação de confusão e da morte eterna¹⁰⁴⁰.

Ai daqueles que morrem em pecado mortal, compadece-se Francisco. Pecado mortal como autocentramento, a ignorância de nossa profunda e estrutural ligação com o cosmos. Para quem vive nessa visão limitada, a morte nossa não é irmã, se transforma em símbolo e realidade devastadora, inaceitável aniquilamento, angústia e medo de quem suspira em vão.

¹⁰³⁷ Cf. BARGELLINI, P., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p.130-140.

¹⁰³⁸ Cf. DELUMEAU, J., O pecado e o medo. *Op. Cit.* p. 78.

¹⁰³⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 232, ainda: “A morte de todo ser vivente não é nem consequência do pecado nem natural, mas um destino ao qual está sujeito tudo o que vive, e por isso também um estímulo para o anseio por redenção cósmica”, p. 233.

¹⁰⁴⁰ O pecado (Gn 3) introduz elemento de desarmonia que corrói o desígnio de Deus que tudo criara para a vida e nada para a morte (Sb 1,14s). Cf. DRAGO, A., Palavra de Deus. In.: *DF*, p. 531-532.

6.2.1.

Um elemento novo: Francisco de Assis inaugura uma concepção da morte, 'irmã'

Sobre a irmã morte, na perspectiva cristã, frei Luiz Carlos Susin conclui o capítulo 6, sobre a morte cristã:

Santo Agostinho, ao falar da graça, estende a compreensão da 'graça da perseverança final' a este evento final e definitivo. A morte, para o cristão, é desterrificada e desmonstrualizada, tornando-se graça e desejo de encontro, desejo de dizer finalmente a palavra suprema de adesão que une para sempre no amor. Sem aberração, a morte permite Santa Teresa exclamar: 'morro porque não morro!' Ou então São Francisco a saudá-la como 'irmã morte'. Ela nos porta, então, não como senhora que domina, derrota e atira ao nada, mas como serva do Senhor, como 'anjo', que apresenta ao Senhor. Quem passa pela morte encontra Cristo, que percorreu o caminho da existência terrena, atravessou a morte para ser Senhor também na morte, irmão e amigo dos que morrem (cf. Hb 2,11)¹⁰⁴¹.

A Idade Média conhece uma familiaridade com a morte vivida como fenômeno socializado, como ideia do destino coletivo da espécie, uma aceitação da ordem da natureza, aceitação ao mesmo tempo ingênua na vida cotidiana¹⁰⁴². Com a morte a pessoa se sujeita a uma das leis da espécie e não cogita em evitá-la, nem em exaltá-la. Simplesmente a aceita, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida deve transpor¹⁰⁴³.

A partir do século XI, estabelece-se uma relação, até então desconhecida, entre a morte de cada indivíduo e a consciência que este toma de sua individualidade. A correspondência exata entre o triunfo da morte e o triunfo do indivíduo durante a segunda fase da Idade Média convida-nos a perguntar se não existe hoje uma relação semelhante, mas inversa, entre a crise da morte e a da individualidade¹⁰⁴⁴. Hoje se admite que, entre o ano 1000 e o século XIII,

¹⁰⁴¹ SUSIN, L. C., *Assim na terra como no céu*. Brevilóquio sobre escatologia e criação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 99.

¹⁰⁴² É a consciência que cada pessoa toma de sua individualidade ou, ao contrário, ao sentimento pelo qual cada um se abandona a um *fatum* coletivo.

¹⁰⁴³ Cf. ARIËS, P., História da morte no ocidente. *Op. Cit.*, p. 46-47.

¹⁰⁴⁴ Cf. *Ibid.* p. 274. A imagem da morte começa a mudar. Francisco, no Cântico fala de "nossa irmã morte corporal". A verdade é que a necessidade de afirmar a naturalidade da morte deriva do fato que esta começava a perder-se. Isto é, enquanto na Alta Idade Média, a morte era um acontecimento natural e aceito, com a preparação do Renascimento, do humanismo que se gestava, naquele período, a morte começava a não ser mais aceita com naturalidade. Cf.

uma mutação histórica muito importante se realiza, como afirma um medievalista contemporâneo:

A maneira como os homens aplicavam sua reflexão ao que os cercava e lhes dizia respeito foi profundamente transformada, enquanto os mecanismos mentais – as maneiras de raciocinar, de apreender a realidade concreta e de conceber as idéias – evoluíram radicalmente¹⁰⁴⁵.

Esta mudança é percebida no espelho da morte: *speculum mortis*, poderíamos dizer, à maneira dos autores da época. No espelho de sua própria morte, cada pessoa redescobre o segredo de sua individualidade. Essa relação, entrevista pela antiguidade greco-romana – mais especificamente pelo epicurismo¹⁰⁴⁶ – e logo a seguir perdida, nunca deixa depois de impressionar nossa civilização ocidental. Desde meados da Idade Média, o ser humano ocidental, reconhece a si próprio em sua morte – descobre a morte de si mesmo¹⁰⁴⁷. Os homens e as mulheres da segunda fase da Idade Média e do Renascimento empenham-se em participar de sua própria morte, contemplam nesta um momento excepcional em que sua individualidade recebe sua forma definitiva. Só é dono de sua vida na medida em que é dono de sua morte. Esta lhe pertence, e somente a ele¹⁰⁴⁸.

A consciência da iminência da morte produz na vida de Francisco uma gratidão por cada momento de vida. Francisco, na juventude, almeja ser cavaleiro, ter um título de nobreza. Isto ele nunca consegue. No entanto, torna-

ACQUAVIVA, S., Utopia francescana e utopia del '68. In.: et all. Francesco un 'pazzo' da slegare. *Op. Cit.*, p. 41-42.

¹⁰⁴⁵ PACAULT, M., De l'aberration à la logique: essai sur les mutations de quelques structures ecclésiastiques. *Revue Historique*, vol, CCXXXII (1972), p. 313.

¹⁰⁴⁶ Doutrina do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) e seus epígonos, caracterizada por uma concepção atomista e materialista da natureza, pela busca da indiferença diante da morte e uma ética que identifica o bem aos prazeres comedidos e espirituais, que, por passarem pelo crivo da reflexão, seriam impermeáveis ao sofrimento incluído nas paixões humanas. Cf. Epicuro, em DH, p. 1177; Em sua análise do prazer, Epicuro chegou à conclusão de que o prazer mais puro é ataraxia, a ausência de perturbação. Ao afirmar a ataraxia de Deus, nega que seja providente, pois isso lhe causaria contínua preocupação. Elimina a idéia de uma divindade que pune agora, bem como a ideia de uma retribuição ultratumulosa, já que isso não permitiria a ataraxia. A morte é o fim de tudo. Cf. Ataraxia. In.: *DET*, p. 69.

¹⁰⁴⁷ Cf. ARIÈS, P., História do morte no ocidente. *Op. Cit.* p. 62-63. Sobre a mudança de comportamento do ser humano, a partir do século XIX principalmente, mudança de ideias e sentimentos com relação a morte, afirma o mesmo autor: "A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição" p. 84.

¹⁰⁴⁸ *Ibid.*, p. 236. José Comblin nos coloca dentro da urgente questão: "Na modernidade, a cultura ocidental faz força para se esquecer da morte e viver como se a vida fosse um progresso contínuo sem fim. Porém, o que se consegue com isso é apenas apagar a consciência e fazer com que o homem viva absorvido nas coisas exteriores, esquecido de si mesmo. O desastre final do homem ocidental ao qual estamos assistindo agora mostra que não se pode negar impunemente a condição humana". COMBLIN, J. Antropologia cristã. *Op. Cit.*, p. 109.

se um grande humilde e forte. Aprende a encarar seus medos e, desde cedo, a contemplar a face da irmã morte¹⁰⁴⁹.

É fecundo imaginar que no princípio e no fim da jornada conversiva de Francisco está presente a irmã morte: no leproso e no derradeiro Cântico. Não a morte macabra das histórias de terror, mas a morte como aliada da vida, como reveladora da singularidade de cada respiro. Francisco é capaz de renunciar a tudo porque vislumbra o real sentido e desapropriação das coisas. Enxerga a criação – e em sua própria existência – os vestígios do Pai das Luzes. No abraço ao leproso¹⁰⁵⁰, recordado no Testamento 1,1-3 a morte e a vida passam a ser uma constante no caminho de penitência de Francisco. Ele sabiamente tem consciência de que nada é conquistado para sempre nesta vida, a não ser fazer a vontade do Senhor Deus. Como bom discípulo se coloca permanentemente em vigia, numa batalha aguerrida contra si mesmo, contra o desejo de uma vida pacífica com os louros da vitória¹⁰⁵¹.

O encontro com a irmã morte no limiar de sua existência lhe faz cantar o Sumo Bem e descortinar o Eterno tão almejado por seu coração de discípulo. Francisco,

Levantando as mãos ao céu, glorifica o seu Cristo, pelo fato de que, despojado de tudo, vai livre para ele... Oh homem verdadeiramente cristão que, com perfeita imitação, se esforçou por conformar-se, enquanto vivia, ao Cristo vivo; ao morrer, ao Cristo que morria; e morto, ao Cristo morto; e assim mereceu ser decorado com expressa semelhança (LM 14,4).

Nestas circunstâncias Francisco, embora alquebrado pelas enfermidades, com grande fervor de espírito e, irradiando profunda alegria, canta os louvores do Senhor e acrescenta a estrofe da Irmã morte no Cântico, sua alegre mística chega à máxima contemplação do Altíssimo e sua vontade, Francisco havia

¹⁰⁴⁹ Cf. MENARD, A., Morte. In: *DF*, p. 444-446. “A ideia, outrora profundamente popular, de que a morte é um acontecimento normal, necessário ao desenvolvimento de ritmos vitais, que ela não é nem ruptura nem escândalo, está presente no alegre Cântico ao sol composto por São Francisco de Assis em 1225-1226, no fim extremo de sua vida. Ele estava então quase cego e abatido pela febre” DELUMEAU, J., O pecado e o medo. *Op. Cit.* p. 78.

¹⁰⁵⁰ “Abraçar o leproso, escreve XAVIER, R. P., mais do que uma atitude de engajamento social (opção pelos excluídos, pelos banidos dos muros da cidade), é uma atitude existencial que brota das entranhas de um homem em busca de algo. Francisco não faz este gesto crucial num tom revolucionário. Ele o faz seguindo seu coração, abandonando a sina do “mesmo”, lançando-se no “outro”, no diferente, no incerto, na instabilidade do inesperado. O leproso o lança para novas formas de olhar o mundo.” XAVIER, R. P., Leprosia, morte e mudança de vida em Francisco de Assis. In.: *RF*, n. 11(2006), p. 10-11.

¹⁰⁵¹ Cf. MARIANI, E., Vontade de Deus. In: *DF*, p. 789-790; PASQUALE, G. *San Francesco d'Assisi. Un principio senza fine*. Roma: Città del Vaticano. 2009, p.89-94.

vencido a si mesmo: “Bem-vinda, minha irmã morte” (2Cel 217. cf. LTC 68; CA 7.100; 2EP 120-123). A última inimiga transformada em irmã.

Francisco pode chamar a morte de irmã porque é para ele a ação mais perfeita de sua liberdade diante da vida. Naquela tarde as cotovias pousam no telhado da casa, durante muito tempo cantam voando de um lado para o outro como que querendo demonstrar a seu modo à alegria. Seu canto é de um alegre pranto e de dolorosa alegria. Este momento do trânsito de Francisco é registrado por seus biógrafos: LTC 32; LM 14,6; CA 100; 2EP 113; 3 Cel 32.¹⁰⁵².

“Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal”, saúda Francisco a morte que ‘todos temem e abominam’ (2Cel 217). Percebemos que o encontro de Francisco com este componente da existência humana é marcado por uma originalidade singular. Sua visão da morte está radicada na melhor tradição bíblica. A Revelação fornece compreensão espiritual desta realidade. Convidados que são a lançar um olhar de lucidez sobre o destino, o destino dos que vivem os justos caminhos do Senhor, são confrontados ao convite bíblico: “Convertei-vos e vivereis” (Ez 18,32). A última e permanente palavra do Senhor é oferta de vida¹⁰⁵³.

A existência está diante de um caminho que a ser trilhado: morrer a nós mesmos para ter acesso à vida nova de Cristo. Em outras palavras, viver o mistério pascal. Esta visão mística possibilita compreender mais facilmente o que manifesta a jubilosa liberdade de Francisco diante desta eminente realidade, liberdade esta que contrasta com preocupações presentes no coração dos seus seguidores no momento em que ele, em Cristo, passa deste mundo ao Pai¹⁰⁵⁴.

Para Francisco e seus companheiros, a ‘irmã morte’ é o término normal da vida. “... então o Senhor os chamará a si para a outra vida” (1 Cel 109). Ela é a nossa morte “da qual nenhum homem vivente pode escapar”, se apresenta como inevitável perspectiva da vida, propriedade de cada ser vivente.

¹⁰⁵² Cf. BOUGEROL, J. G., Alegria, Júbilo. In.: *DF*, p. 48.

¹⁰⁵³ Compreendemos com Leonardo Boff a riqueza desta realidade irmã de Francisco: “O processo de acolhimento da morte o podemos encontrar, maravilhosamente, na vida e morte de Francisco. Raramente na experiência humana conhecida nos deparamos com tal nível de integração da morte a ponto de saudá-la como irmã muito querida e de morrer cantando, como diz seu biógrafo Tomás de Celano” BOFF, L., São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 173.

¹⁰⁵⁴ Cf. MENARD, A. Morte. In.: *DF*, p. 445-446.

Admoesta à tomada do fato, escreve Francisco aos governantes de todos os povos “Considerai e vede, pois o dia da morte se aproxima (cf. Gn 47,29)” e ainda “e quando chegar o dia da morte, tudo o que julgavam possuir lhes será tirado (cf. Lc 8,18)” (Gv 2.4).

6.2.2.

A fraternidade mística de Francisco de Assis com a irmã morte

A fraternidade¹⁰⁵⁵, inaugurada por Francisco, com todos os seres da criação e, intensamente compreendida como graça, bondade do Altíssimo para com ele, resulta na sua caridade fraterna para com todos e é a medida de sua fé em Deus porque nesta fraternidade se realiza a regeneração do velho ‘eu’ egoísta, verifica-se um desnudamento, única possibilidade de acolher a Deus. A doação de Francisco aos outros, irmãos e irmãs, é a medida de sua fé em Deus porque na medida em que ele se desdobra fraternalmente se torna ‘menor’, dilata a dinâmica da fé naquele que é maior, o único grande, aquele que se basta a si mesmo. Para acolhê-lo é necessário que o ‘eu’ desapareça¹⁰⁵⁶.

Para quem ama, a própria morte se torna irmã, a morte se torna fecunda, “não lhes fará mal”, não será volta ao nada. É o amor fraterno de uma vida inteira que confere sentido à vida e à morte: à vida que não é mais um absurdo, à morte porque passagem para a vida com Deus e em Deus-amor unificante, que elimina separações e restaura a unidade, desde que a irmã morte nos encontre conformes à “santíssima vontade” de Deus, ou seja, numa vida orientada para o amor. Ela, como a vida não será um absurdo, mas um abraço de irmã¹⁰⁵⁷.

Francisco mergulha no coração da vida cristã onde a morte e a vida são antes objeto de uma escolha do que consequência de um destino inevitável. Com efeito, a conversão, exigida pelo Evangelho, implica numa modalidade de morte que inclui uma vida nova: “Não existe no mundo inteiro homem algum em condições de possuir uma de vós (virtudes), sem que ele morra primeiro”

¹⁰⁵⁵ Voltaremos a destacar a larga e complexa compreensão da vida fraterna para Francisco no capítulo sucessivo.

¹⁰⁵⁶ Cf. POMPEI, A., Deus. In.: *DF*, p. 146.

¹⁰⁵⁷ Cf. ALMEIDA, E.F., *Do viver apático ao viver simpático*. Sofrimento e morte. São Paulo: Loyola, 2006, p.154-155.

(SV 5). Não é possível compreender a atitude de Francisco diante da morte, sua alegria e paz em acolhê-la, seu desejo de martírio, se não só a compreensão de que ela é a porta que leva à vida com Cristo. É uma profissão de fé¹⁰⁵⁸.

Esta morte torna-se sumamente compreensível e desejável por conformar a Cristo, completando no amor a passagem deste mundo ao Pai, escreve São Boaventura:

E Francisco, intrépido cavaleiro de Cristo, esperando em breve alcançar seu propósito, decidiu tomar o caminho, não amedrontado pelo pavor da morte, mas provocado pelo desejo (dela). Tendo feito antes uma oração, confortado pelo Senhor (cf. 1Sm 30,6), ele cantava com confiança aquela palavra do profeta: *‘Se eu ando no meio da sombra da morte, não temerei os males, porque estais comigo’* (Sl 22,24)(LM 9, 7).

O motivo que leva Francisco a desejar tão ardentemente a ‘irmã morte’ está no fato de haver uma perfeita conformação com Jesus Cristo que ofereceu a vida em testemunho do amor pelo Pai e por todos os seres da criação, seus irmãos e irmãs. Para Francisco este amor tem como única resposta o amor e somente ele eleva à união, como ele mesmo ensina a rezar: “Absorvei, Senhor, eu vos suplico o meu espírito e pela suave e ardente força do vosso amor desafeiçoai-me de todas as coisas que debaixo do céu existem a fim de que eu possa morrer por vosso amor, ó Deus, que por meu amor vos dignastes morrer” (Abs)¹⁰⁵⁹.

O homem fraterno, místico do bem morrer, Francisco faz a experiência da morte cristã e morrer assim se traduz numa bênção da vida. Não morrer é condenar-se a ter sede sem nunca poder encontrar água borbulhante, ter fome e jamais poder saciar-se, ser botão e jamais poder desabrochar. Ser botão desabrochado e não poder nunca mais, amadurecer, perfumar e alegrar todo o universo¹⁰⁶⁰.

A fraternidade mística de Francisco com a irmã morte é a realização última e absoluta de uma vida, ser autêntico que aceita a arte de viver e a arte

¹⁰⁵⁸ Cf. MENARD, A., Morte. In.: *DF*, p. 446.

¹⁰⁵⁹ Esta Oração, se encontra somente nas FF (edição das Fontes Franciscanas italianas). Não entramos aqui na discussão de autenticidade, partimos da consideração que esta recolhe o espírito de Francisco e que ‘possivelmente’ fora conhecida por ele. Esta oração se encontra pela primeira vez na literatura franciscana em 1305, nos textos de Ubertino da Casale. Cf. ESSER, K., *Gli Scritti di S. Francesco d’Assisi. Op. Cit.* p. 66.

¹⁰⁶⁰ Cf. BOFF, L., *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 1999,p,231. cf. também COSTA, E.S., *O homem faz seu tempo*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1987, p.58.

de morrer. Compreender que é finito. É a consciência de sua finitude e do nada que ela traduz que lhe permite uma tolerância absoluta. Da ilusão desmedida de um ser ilimitado, sem fronteiras da morte ou do nada, daí, nascem os tiranos e seus costumes de amputar e resistir às pluralidades ou de corar ante as alteridades. A jubilosa invenção da vida em todas as suas vertentes inclui a irmã morte, à fraternidade definitiva, pois eterna.

a.

A fraternidade mística com a irmã morte ou jubilosa invenção da vida

A vida sempre tem um sentido inaugural e outorga ao ser humano a possibilidade de descobrir sempre uma nova categoria de existência. Francisco resiste a ter medo diante da morte, porque também ela faz parte da vida e projeta este sentido inaugural. E, ao praticar a *ars vivendi*, se alcança também a *ars moriendi*. Atitude existencial que motiva a sua realidade pessoal a celebrar a existência como graça e como dom como um *homo viator*.

Francisco é aquele que realiza a fraternidade mística com todos os seres da criação, por excelência. Compreende a existência biológica, a realidade física é já considerada um ininterrupto, longo e sutil martírio, o ânimo transborda de afetos, tanto que ele mesmo nem percebe ou parece pensar na iminência da morte que se apresenta, também está, como já se notou, na ordem natural da criação: ela não pode causar medo, como não o causa o nascer e o pôr do sol, a lua ou as estrelas¹⁰⁶¹.

Natural quanto o primeiro suspiro, rompido o cordão umbilical, é suave noite que encerra o dia, face a face no escuro com Deus, desafio ao nosso cérebro condicionado, que resiste em entregar-se ao turbilhão dadivoso e incompreensível para nós, humanos – do Criador. É natural que Francisco, neste estado de ânimo tenha podido refletir e fazer nascer o Cântico; tem a simples realidade de um evento de vida normal que lhe brota espontaneamente em língua mátria, rompendo toda barreira expressiva mediada, para ressoar límpido e singelo como lhe ditava o coração em acordes vibrantes, sem

¹⁰⁶¹ Cf. MERINO, J.A., Antropologia. *Op. Cit.* p. 221-222; MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 324-325.

confusão, em síntese fraterna, mística de entrega íntima nas mãos do Criador, louvando-o até mesmo no último momento, como quem inventa a vida, como quem se deixa nascer em novo início¹⁰⁶².

O santo se dirige livremente ao encontro da irmã morte porque é movido somente pelo amor e porque não está apegado a coisa alguma. Alcança essa alegria por sua fidelidade libertadora à senhora pobreza: “Depois disto, o santo levantou as mãos para o céu (cf. 2Cr 4,16) e engrandece o seu Cristo, porque, já despojado de tudo, vai livre para ele”(2Cel 16). Ainda o biógrafo Celano indica a amplidão dessa liberdade interior na qual se movia Francisco:

Ele, percorrendo com alegria de espírito o caminho dos mandamentos de Deus, pelos degraus de todas as virtudes chegou ao ápice e, como obra a ser esculpida, levado à perfeição pelo martelo de múltiplas tribulações, viu o fim de toda consumação. Então, as suas obras maravilhosas brilharam mais, e refulgiu pelo juízo da verdade que tudo o que ele viveu foi divino, visto que, depois de ter calcado os atrativos mortais desta vida, ele partiu livre para os céus. De fato, ele considerou o próprio viver para o mundo (cf. Gl 2,20), amou os seus até o fim (cf. Jo 13,1) e recebeu a morte cantando (2Cel 214).

A jubilosa alegria com que Francisco caminha ao encontro da irmã morte não é inconsciente. A frei Elias, que se alegra em vê-lo tão bem disposto, mas que teme o escândalo dos fracos, Francisco garante que o pensamento da morte estava presente em suas meditações¹⁰⁶³. Sua união com Cristo é tão profunda que não teme coisa alguma: “Disse ao médico Bongiovanni¹⁰⁶⁴: ‘Diga com coragem que minha morte está próxima, para mim ela é a porta da vida’. Francisco, cercado por seus irmãos, compreende que é chegada a sua hora e celebra fazendo na morte liturgia de sua conformação a Cristo. Assim o biógrafo Celano descreve, com beleza e emoção filial, extremada sensibilidade, o momento, o fato, a narrativa da fraternidade mística com a ‘irmã morte’, citamos integralmente:

¹⁰⁶² Cf. ALENCAR, C., Cântico das Criaturas. Ecologia e juventude do mundo. *Op. Cit.* p. 66-67.

¹⁰⁶³ A preocupação de frei Elias era que as pessoas poderiam dizer: “Como pode mostrar tanta alegria, se está para morrer? Deveria antes pensar na morte”. São Francisco respondeu-lhe: “Recordas-te da visão que tiveste em Foligno e me disseste que alguém te dissera que eu não deveria viver senão dois anos? Antes de teres aquela visão, por graça de Deus, que inspira ao coração todo (cf. 14,26) o bem e o põe na boca (cf. Is 59,21) de seus fiéis, muitas vezes, dia e noite, pensei sobre o meu fim (cf. Sl 38,5). Mas desde que tiveste a visão fui mais solícito em refletir diariamente sobre o dia morte” (EP 121). Cf. A versão das CSE 4, p.1612-1613, in: FFC.

¹⁰⁶⁴ Nascido em Arezzo, segundo várias fontes, ou talvez em Assis, filho de Marangone Cristiano. Cf. Nota 217 das FFC, p. 727.

O pai santo mandou trazer um pão. Abençoou, partiu-o e deu um pedacinho para cada um comer. Também mandou trazer um livro dos Evangelhos e pediu que lessem o Evangelho de João a partir do trecho que começa: ‘antes do dia da festa da Páscoa...’ passou a louvar os poucos dias que ainda restava até sua morte. Convidava também a todas as criaturas ao louvor de Deus e, **usando uma composição que tinha feito em outros tempos**¹⁰⁶⁵, exortava-as ao amor de Deus. Chegava a convidar para o louvor até a própria morte, que todos temem e abominam e correndo ao seu encontro, convidava-a com hospitalidade: ‘bem-vinda seja minha irmã, a morte!’ E assim chegou a hora. Tendo completado em si mesmo todos os mistérios de Cristo voou feliz para Deus (2Cel 217)¹⁰⁶⁶.

O santo de Assis pôde sentir uma alegria tão grande que o canto é sua expressão de entrega, o recurso da oração de louvor diante do encontro definitivo com o seu Senhor, a intimidade perfeita com o Criador, seu Redentor, ‘Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor’, encontrou no gesto de Francisco o seu convite feito aos que também estamos nesta esperança definitiva. Neste gesto, e nas palavras do Canto, está como que resumida a mística eucarística, na atitude de ação de graças de Francisco, voltada para Deus e por isso para o céu.

Escreve, muito inspiradamente, o poeta Rainer Maria Rilke, sobre a morte de Francisco: “Quando morreu, leve como quem não tem nome, ele foi distribuído: a sua semente difunde-se como arroios, nas árvores canta a sua semente e ela o contempla do fundo das flores. Ele jazia e cantava”¹⁰⁶⁷. O acolhimento fraterno da irmã morte só é possível para quem consegue fazer, a experiência mística, dentro de si, a revolução da abertura ao cosmos, a todas as criaturas.

¹⁰⁶⁵ Alusão ao Cântico das Criaturas.

¹⁰⁶⁶ “Francisco insistiu: ‘Dize-me a verdade! Que pensas de minhas enfermidades? Não tenhas medo de dizer a verdade, pois, pela graça de Deus, não sou tão medroso a ponto de temer a morte. Com a graça do Espírito Santo, estou tão unido a meu Senhor que igualmente estarei contente de viver ou de morrer’” (EP 122). Era a tarde de 03 de outubro de 1226, na cidade de Assis, Itália, precisamente no Convento da Porciúncula. Belíssima e criativa descrição deste momento, na perspectiva das Fontes Franciscanas, em BOFF, L, São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 176-177.

¹⁰⁶⁷ Apud. ALENCAR, C., Cântico das Criaturas. *Op. Cit.* p. 68.

b.

A irmã morte como dimensão mística escatológica da imagem do juízo final

Francisco compreende a última das realidades marginalizadoras, aquela considerada pelos outros como a que mais causa temor e angústia, aquela “da qual nenhum homem vivente pode escapar”, na qual o supremo ajuste de contas vence toda realidade, não pode mais tocá-lo, cede, deve ceder ao amor e à alegria pelo ser criado, expressão do amor de Deus, amor pelas criaturas todas, amor pelo qual Cristo quis ser como eles, aceitando ser pobre, abandonado, até à morte de cruz por amor.

Sobre a conclusão natural da vida, a irmã morte, é feliz quem sabe abandonar-se à providencial bondade do Criador: não deverá temer a morte, a eterna condenação. Aquela que fecha para nós o amor de Deus, não acontecerá ao ser humano, por graça do amor de Deus. Esta seria realmente terrível; mas Francisco, no exemplo do seu amor, na fala do juízo, não aponta para as chamas infernais, não que causar medo. Tudo se resume em um termo, justamente a morte: aquele fim que tantos homens e mulheres temem não deve aterrorizar-nos, pois diz respeito somente à *via universae carnis*, à condição de toda fisicidade humana¹⁰⁶⁸.

Longe de centralizar o Cântico, a irmã morte termina-o com uma lógica rigorosa. Ele descortina um laço muito estreito entre o Cântico e a sua morte. A verdadeira face das criaturas só se revela a Francisco, ao clarão da sua morte. Francisco proclama a bondade das criaturas quando tem a certeza de que elas o conduzem ao Reino de Deus. Não basta dizer que o Cântico é verdadeiro apesar da morte. Devemos dizer que é verdadeiro por causa da irmã morte: as criaturas não são fraternas, não nos falam de Deus, senão em função da morte que seja uma passagem para Deus, o Criador. Porque as criaturas são os penhores dum amor e a promessa duma intimidade com Deus, que só a irmã morte pode plenamente revelar¹⁰⁶⁹.

A morte, na perspectiva escatológica, numa reta compreensão existencial, não se manifesta apenas no término da vida, como o momento último do curso

¹⁰⁶⁸ Cf. *Ibid.*, p. 326.

¹⁰⁶⁹ Cf. MOTTE, I.E.; HÉGO, G., A páscoa de São Francisco. *Op. Cit.*, p. 122-123.

humano. Ela se instala já no começo e à própria substância da vida. Ela pertence, pois, à vida. O pecado contempla a morte apenas como negação total da vida. Por isso agarra-se à vida, acreditando poder escapar da morte. A graça de Deus liberta a morte e contempla a vida.

Francisco revela-se como o Adão matinal: vive com tal radicalidade a perspectiva do Evangelho a ponto de deixar emergir em si a inocência original. A irmã morte em seu caráter vital, deixa de ser a inimiga da vida e se mostra passagem deste tipo de vida para o novo e definitivo modo de vida em Deus, por isso imortal e pleno. Francisco integra tudo numa unidade vital, acolhe em sua vida cortesmente a irmã morte. Ela é companheira da vida. É irmã de viagem. E aqui temos muito que aprender com o santo de Assis¹⁰⁷⁰.

Aqui, pela primeira vez, em tudo quanto de Francisco chega a nós, encontramos a palavra do santo entre admoestação, juízo escatológico, ameaça e a fraterna e amável exortação: “Ai daqueles que morrem em pecado mortal”, depois destas palavras ele aponta, em um contraste preciso, para a última bem-aventurança e para o último louvor de Deus pelos que morrem na graça e resignados com sua vontade. O santo termina o Cântico num gesto de reconciliação com o último inimigo do ser humano: na expressão de São Paulo, a morte. Nessa suave e misteriosa paz morre o santo, legando-nos esse hino. Aí se restaura a aspiração da humanidade de ontem, de hoje e de sempre¹⁰⁷¹.

Morte passagem. Morte que é também vida para quem aceita perder o controle de tudo que o eu consciente, racional, busca avidamente. Não uma ruptura brutal, não um silenciamento bárbaro, não uma violenta e absurda expropriação. Sim a fraternidade última, mística à realidade pascal.

c.

A fraternidade mística da irmã morte: a perspectiva cristã do louvor

A alegria franciscana, como vitória sobre si mesmo, vitória da conversão, vitória da ressurreição, vitória de todo o sofrimento das noites escuras, seja em Assis (São Damião), seja na América Latina, em qualquer lugar no cosmos,

¹⁰⁷⁰ Cf. BOFF, L., São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 176-177.

¹⁰⁷¹ Cf. LIBÂNIO, J.B., Eu creio. Nós cremos. Tratado de fé. *Op. Cit.* p. 135.

reza o ser humano novo, a fraternidade que se inaugura no seguimento de Jesus, em meio aos fracassos, surge, levanta e alimenta a esperança na força do Evangelho.

Este é o roteiro, afirma-o com profundidade um poema de Mons. Angelelli:

A pátria está gerando um filho com sangue e com dor... Choram os entardeceres esperando que o filho nasça sem ódios e com amor. Minha terra está prenhe de vida nesta noite de dor, esperando o raiar da aurora com um homem novo, Senhor¹⁰⁷².

A alegria – que, na Sagrada Escritura, sempre acompanha o cumprimento das promessas messiânicas (cf. Is 65,17-23) – é restituída em seu sentido mais profundo: resultado de uma vitória sobre a morte. “Onde está, ó morte, tua vitória? Onde está, ó morte, o teu agulhão?”, pergunta-se, com alegria burlesca, na Epístola aos Coríntios (1Cor 15,55-57).

A fraternidade mística com a irmã morte é experiência de gratuidade, compreendida não como uma necessidade, mas como alegria e liberdade interior. A mensagem de Francisco é mensagem de alegria, de louvor, nos passos de Jesus: “Não tenhais medo! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo” (Lc 2,10). Diz Aquele que Francisco canta “Vós sois nossa esperança e alegria, vós sois justiça” (LD, 4). Nas Admoestações o santo recomenda: “Bem-aventurado o religioso que não tem prazer e alegria a não ser nas palavras e obras do Senhor” (Adm 20,1; cf. 20,2; 27,3).

Francisco rompe com uma tradição que tende a conceber esta experiência mística como algo sombrio, onde o acento recai sobre as renúncias, o sofrimento, o domínio dos sentimentos e afetos para o alcance da santidade¹⁰⁷³. Francisco antecipa, na experiência da sua morte, acolhendo-a como irmã, sob louvor cristão, como mística libertadora que não entristece, ela humaniza, convoca a viver a dinâmica da integralidade da vida em todas as suas circunstâncias. Até mesmo no momento em que nenhum ser humano pode escapar, há um convite ao louvor. Este louvor é a característica essencial da experiência da presença de Deus e de sua mensagem (cf. Lc 19,6).

¹⁰⁷² Apud., GUTIÉRREZ, G., Beber do próprio poço. *Op. Cit.* p. 135.

¹⁰⁷³ Cf. TEIXEIRA, F. L. C., A espiritualidade do seguimento. *Op. Cit.* p.43.

O louvor místico de Francisco é uma, perspectiva do seguimento de Cristo até a cruz, é uma experiência diferente, fundante, que não desconhece a dureza da realidade, que resiste no meio da luta, da tristeza e da dor, mas que, por resistir, rompe sua cadeia com o horizonte da certeza pascal da vitória da vida sobre o sofrimento. É uma alegria que surge “como resultado da esperança de que a morte não é a última palavra da história”¹⁰⁷⁴. Uma alegria pascal, que passa pelo enfrentamento de toda a realidade de morte; uma alegria que repudia uma sociedade na qual a morte seja injusta e fruto das mal do pecado. Mas, sim, um louvor que grita, na morte, a vitória da vida. Como diz São Boaventura, “Francisco passou pela morte sem morte”¹⁰⁷⁵.

Expressa, por fim, no seu texto conclusivo sobre a integração do negativo da vida, Francisco morre saudando amavelmente a irmã morte, morre cantando. Aqui se supera todo o estoicismo e a serena resignação ao princípio fatalista da realidade mortal. Saudar e cantar só pode alguém que já está para além da própria morte ou que já a incorporou em sua própria existência.

A irmã morte, em fraternidade mística e louvor, em liturgia última de uma passagem, mostra-se como num drama sagrado. Neste louvor, a morte descobre sua verdadeira face: a face da amiga e da irmã. Portanto,

Quem integrou de uma forma tão plena o negativo, particularmente o trauma da morte, chegou, verdadeiramente, ao reino da liberdade. Nada mais poderá ameaçá-lo porque não existe mais nada que seja inimigo. Reino da liberdade significa então presença do Reino de Deus. E o Reino de Deus é a concretização da suprema utopia, de Deus morando no meio dos seus juntos; e Ele mesmo ‘enxugará as lágrimas dos seus olhos, e a morte não existirá mais, nem haverá mais luto, nem pranto, nem fadiga, porque tudo isto já passou’ (Ap 21,4). Francisco já antecipou esta utopia e mostrou a sua verdade¹⁰⁷⁶.

O irmão Francisco, porque cristão místico, no seu seguimento de Cristo, nos ensina uma nova hermenêutica da existência, ou seja, uma nova compreensão da vida e, com isso, nos passa uma nova e definitiva interpretação da morte, irmã.

¹⁰⁷⁴ GUTIÉRREZ, G., Beber no próprio poço. *Op. Cit.* p. 131. cf. Id., Teologia da Libertação. *Op. Cit.* 175.176.

¹⁰⁷⁵ Apud. TURRA, L., A morte nos passos da esperança. In.: *RFC*, 851 (2006), p. 57. Na mesma página lemos: “No Cântico das Criaturas, um dos poemas mais apreciados da humanidade, Francisco chama a morte de irmã. Com isso, vai além de um simples sentimento poético e passa a proclamar uma experiência existencial. A morte, para ele, significa alegria, festa, canto, porque assim é a sua vida. Em nenhuma cidade da utopia alguém chegou a humanizar tanto a morte, a ponto de chamá-la de irmã”.

¹⁰⁷⁶ BOFF, L., São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 180.

6.2.3.

A bem-aventurança franciscana: a mística do bem morrer, “a morte segunda não lhes fará mal”

Nesta estrofe Francisco convida certamente a refletir mais propriamente sobre a “segunda morte” (o inferno): “Ai daqueles que morrem em pecado mortal”. Mas essa incitação para pensar na salvação não o impede de louvar o Senhor “por nossa irmã, a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar”. A morte associada ao Juízo Final, a última prova das *ars moriendi*, o amor pela vida manifesto nos temas macabros. Durante a segunda metade da Idade Média, do século XII ao século XV, deu-se uma aproximação entre três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e as do apego apaixonado às coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte, portanto, torna-se o lugar em que o ser humano melhor toma consciência de si mesmo¹⁰⁷⁷.

Durante a Alta Idade Média e, mais tarde, entre o povo, a morte não ocupa um lugar muito importante: não é afastada por um interdito como hoje, mas seu poder é embotado por sua extrema familiaridade. A partir do século XIII, ao contrário, a morte invade as consciências e as preocupações, pelo menos as dos clérigos e do *litterati*, especificamente em torno do tema do Juízo Final, o que não chegou a influenciar Francisco e seus contemporâneos.

Deus, fiel aos seus desígnios de amor, promete e realiza a salvação. O pecado introduz o elemento da desarmonia que corrói o desígnio de Deus que tudo cria para a vida e nada para a morte (Sb 1,14s). Uma vez que há unidade profunda entre a criação e o ser humano, a promessa de salvação não pode referir-se apenas à humanidade, na perspectiva do Cântico a reflexão de Francisco e inclusiva, por levar em consideração toda a criação.

¹⁰⁷⁷ Cf. AIRÈS, P., História da morte no ocidente. *Op. Cit.* 58. O mesmo autor explica: “No século XIII a idéia do juízo prevaleceu, sendo representada uma corte de justiça. O Cristo está sentado no trono do juiz, rodeado de sua corte (os apóstolos). Duas ações tomam uma importância cada vez maior: a avaliação das almas e a intercessão da Virgem e de São João, ajoelhados e de mãos postas, ladeando o Cristo-juiz. Cada homem é julgado segundo o “balanço de sua vida”, as boas e más ações são escrupulosamente separadas nos dois pratos da balança. Foram, por sinal, escritas em um livro. Com o impacto magnífico do *Dies irae*, os autores franciscanos do século III levam o livro diante do juiz do último dia, um livro que contém tudo, e a partir do qual o mundo será julgado (*liber vitae*)”, p. 48-49.

O temor de Francisco, conforme a concepção de pecado da sua época é atenuado pela certeza de que “Deus será tudo em todas as coisas” (1Cor 15,28), quando toda a criação voltará ao estado de harmonia e de louvor que a página de Gn 1 tinha maravilhosamente colocado em destaque (cf. CA 83)¹⁰⁷⁸. A bem-aventurança do bem morrer para viver sob o bem eterno.

As duas últimas estrofes formam o fundamento sobre o qual se sustenta o Cântico. A experiência mística da qual brota o Cântico é precisamente a experiência de um enfermo que sente e vive na própria realidade física a debilidade humana, os sintomas da morte; porém os vive de tal modo que, pela fé no Filho de Deus feito homem, não somente deseja a alegria eterna como chega a saboreá-la. Por isso, e somente por isso, pode chamar irmã a morte e pode convocar o irmão sol, a irmã lua e a toda a criação ao louvor de Deus, o Criador. Fora desta chave histórico-salvífica, o louvor da criação seria problemático e insustentável para um homem como Francisco, a quem não passa inadvertidamente as injustiças sociais de seu tempo nem os pecados dos muitos ministros da Igreja excluem o louvor, nem a morte, pois irmã. Mas é sustentado por um desafio vivo à fraternidade mística até na realidade da morte¹⁰⁷⁹.

A visão positiva da morte, como irmã, vivida por Francisco, é o selo do destino eterno que todas as criaturas participarão. A morte não como inimiga e não como fim. O ser humano não nasceu para morrer¹⁰⁸⁰. Morrer significa ‘*transitus*’, passagem, renúncia ao auto possuir-se numa abertura total ao Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, em quem Francisco descobre a sua dimensão ontológica, a sua dignidade, porque criado à sua imagem. Bem-aventurado místico àquela que a morte primeira acolhe e a morte segunda não existe¹⁰⁸¹.

A morte de Francisco sela uma busca apaixonada e um seguimento radical de Jesus. Não querer saber senão a Cristo, o Crucificado e Ressuscitado. Eco da fé mística de Francisco diante do mistério da morte, síntese de uma atitude exemplar para todos os seres humanos, muito antes,

¹⁰⁷⁸ Cf. DRAGO, A., Palavra de Deus. In.: *DF*, p. 531.

¹⁰⁷⁹ Cf. GERKEN, A., La intuición teológica de San Francisco de Asís. *Op. Cit.* p. 173-174.

¹⁰⁸⁰ Na existência humana, porém, “não há acontecimento mais importante do que a morte. A morte é vivida a cada momento porque ela está no fim e não podemos afastar esse pensamento do presente”. COMBLIN, J., Antropologia cristã. *Op. Cit.* p. 109.

¹⁰⁸¹ Cf. NASCIMENTO, J. R., O Cântico das Criaturas de São Francisco. *Op. Cit.* p. 27-28.

como a inspirar a disposição libertadora de todas as criaturas, fonte para a Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” .

Diante da morte, o enigma da condição humana atinge seu ponto alto. O homem não se aflige somente com a dor e a progressiva dissolução do corpo, mas também, e muito mais, com o temor da destruição perpétua. Mas é por inspiração acertada do seu coração que afasta com horror e repele a ruína total e a morte definitiva de sua pessoa. A semente de eternidade que leva dentro de si, irredutível à só matéria, insurge-se contra a morte. Todas as conquistas da técnica, ainda que utilíssimas, não conseguem acalmar a angústia do homem. Pois a longevidade, que a biologia lhe consegue, não satisfaz o desejo de viver sempre mais, que existe inelutavelmente em seu coração. Ensina a fé cristã que a morte corporal, da qual o homem seria subtraído se não tivesse pecado, será vencida um dia, quando a salvação perdida pela culpa do homem lhe for restituída por seu Onipotente e Misericordioso Salvador (GS 18).

A *morte segunda* não fará mal àqueles que, na caminhada terrena, souberem morrer em vida para a antevinda: o alheamento em relação aos irmãos menores, principalmente o sofrimento dos pobres, exigência do seguimento de Jesus, a pedra de toque da maturidade mística¹⁰⁸², o desinteresse pelo destino do planeta, o descuido para com a humanidade toda, a ótica estreita. Uma vez que bem morrer é a esperança de tudo o que vive, enquanto salto com segurança ao Bem-Aventurado Deus e a bem-aventurança da vida eterna.

a.

Morrer: esperança de tudo o que vive

As sentenças da esperança da escatologia cristã, em realização, ao destino de tudo o que vive, impõem-se à empedernida utopia do realismo, manter a fé com vida, transformar a obediência no amor em realidade terrena, corporal e social. O mundo está repleto de todas as possibilidades, das possibilidades do Deus da vida, da esperança. A esperança vê a realidade, as criaturas, os seres humanos na mão daquele que, da perspectiva final, fala para o interior da história: “*Eis que faço novas todas as coisas*”. E nesta palavra de promessa que ela ouve, recebe a liberdade de renovar a vida presente e transformar a aparência deste mundo¹⁰⁸³.

¹⁰⁸² CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã. Op. Cit.* p. 185-186.

¹⁰⁸³ Cf. MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança. Op. Cit.* p. 41

Morrer a morte de Jesus: em solidariedade com todos os seres vivos que têm de morrer, embora queiram viver, e somente assim conquistar a vida. É a irmã morte, e somente ela, que na frustra a esperança contida no coração de todo vivente. A morte chamada natural, destino de todo ser vivente, como ensina Moltmann: “A morte de todo ser vivente é um destino ao qual está sujeito todo ser vivente, mas que não faz parte dele. Todo ser vivente deverá viver e não morrer. Por isso todo ser vivente quer viver e sofre a morte com dor”¹⁰⁸⁴. Francisco é vivificado pela sua fé, sob a graça do Espírito de Deus, à promessa da vida proveniente da ressurreição de Cristo, que vivifica na dor e está orientado para o louvor da nova criação inaugurada por Aquele que traz à luz a vida eterna¹⁰⁸⁵.

Mas somente uma vida amada, e não sob condições de ameaças, é uma verdadeira vida. Somente uma vida para a qual se diz sim é verdadeiramente uma vida vivida. Nesse sentido, o ser humano sofre e percebe a proximidade da morte somente a partir de seu amor pela vida. Para a existência apática, a morte não é problema. O morrer pertence à vida vivida; é parte dela. Nesta perspectiva franciscana ensina Moltmann:

Tão-somente na vida amada e que ama que as pessoas experimentam sua mortalidade. Este é o paradoxo indissolúvel da vida humana: quanto mais uma pessoa ama, tanto mais intensivamente experimentará a ambos, a vida e a morte... quando, ao contrário, uma pessoa reter dentro de si, ou sufocar esse amor da vida, então ela se tornará insensível em relação à felicidade e ao sofrimento. Vida e morte se lhe tornam indiferentes. A pessoa torna, então, torna-se imortal, mas ela também nunca viveu¹⁰⁸⁶.

A criatura é dependente e limitada. De per si, deixada à sua própria sorte, a criatura voltaria ao nada de onde veio. Para persistir, necessita permanentemente da palavra criadora de Deus, “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor” (Cnt 1). A criatura foi feita mortal. A Irmã morte não lhe é imposta como castigo. A estrutura da vida é mortal porque a vida, se desgastando dia a dia, vai morrendo lentamente até acabar de morrer. A morte é, portanto, natural. O castigo consiste na forma concreta e histórica como a criatura humana morre: rejeitando-a, angustiando-se, vivendo-a como um fim

¹⁰⁸⁴ MOLTSMANN, J. O caminho de Jesus Cristo. *Op. Cit.* 339.

¹⁰⁸⁵ Cf. Id. Teologia da Esperança. *Op. Cit.* p. 272

¹⁰⁸⁶ Id. Deus na criação. *Op. Cit.* p. 381.

desastroso e não como porta para uma forma mais alta de vida. Isso é fruto do pecado, ao contrário o que vive está destinado ao Vivente¹⁰⁸⁷.

Assim morrer se torna a esperança, vivida na presença de Deus, esperança de tudo o que vive, esperança de Francisco que por não vagar ao longe, mas intimamente a Deus, contempla a vida eterna já, mesmo que não plenamente, para ele a vida eterna se constitui em obedecer ao que o olhar místico já contempla no futuro da sua vida.

b.

A vida eterna é ver Deus

Francisco com um “Ai”, numa dimensão bíblica, convoca ao temor: “Ai daqueles que morrem em pecado mortal” teme não ver Deus. E com uma ‘bem-aventurança’ contempla aos que “a morte segunda não lhes fará mal”. Com confiança a realidade da vida eterna, o que tradicionalmente se expressa como ‘visão beatífica’ de Deus. Esta é um dom que Deus faz de si mesmo, pelo qual nós ‘veremos a Deus’ (1Jo 3,2). Ver a Deus é promessa e busca que está na raiz de todo ato religioso, de todas as religiões. Por ora, no entanto, vemos por espelhos, por mediações. Então nós o veremos face-a-face, como Ele é, o que significa sem mediações, mas com o dinamismo inexaurível da relação amorosa entre uma criatura humana e finita com o Criador divino e infinito. Por isso a bem-aventurança de Francisco, para aqueles e aquelas que vivem na santíssima vontade do Senhor, o céu é inexaurível, sempre ‘novo’. Serão semelhantes a Deus porque desde já são filhos e filhas de Deus (cf. 1Jo 3,2)¹⁰⁸⁸.

No contexto da fraternidade universal celebrada no Cântico, o anúncio de Francisco, é esperança de salvação¹⁰⁸⁹. Ao proclamar uma constatação e um

¹⁰⁸⁷ Cf. BOFF, L., Vida segundo o Espírito. *Op. Cit.* p. 42-43.

¹⁰⁸⁸ “Quem é discípulo, crê..., deve tomar as bem-aventuranças e os ‘ais’ como apóstrofes dirigidas a si próprio; deve perguntar a si mesmo se tem medo dos ‘ais’, continuamente efetuar a inversão de valores, que esta breve exclamação exige. É a inversão de todos os valores, a derrocada de todas as fortalezas erigidas pelo homem, o crepúsculo de todos os ídolos, de todos os poderes, nos quais confiávamos e com os quais edificávamos. As bem-aventuranças e os ‘ais’ patenteiam de par em par as portas do Reino de Deus, no qual vamos encontrar o que os bens deste mundo são incapazes de nos dar; o que somente Deus dá, se toma em suas mãos o cetro de seu Reino”. TRILLING, W.,(Editor) *O Evangelho de Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 187-188.

¹⁰⁸⁹ Para este tema: PAOLAZZI, C., Lettura degli ‘Scritti’ di Francesco d’Assisi. *Op. Cit.* p. 148-151.

louvor: “a morte... da qual nenhum homem pode escapar”, Francisco anuncia palavras de aparente ameaça¹⁰⁹⁰, retoma uma profecia, com uma maldição que não implica em condenação do tempo final, mas é um brado de alarme, que se assusta, faz voltar atrás e à reflexão, pois alguns, ‘ai daqueles’, são como pássaros que, sem sabê-lo, voam para o laço (cf. Lc 21,35)¹⁰⁹¹. Ao ‘ai’ do Cântico é imediatamente seguido da ‘bem-aventurança’, a condição feliz de se ‘encontrar na santíssima vontade’ do Senhor, fruto do empenho da vida no seguimento de Jesus e como um sinal da graça de Deus que só faz o bem, ‘não lhes fará mal’¹⁰⁹².

Os versos em que é louvada a irmã morte representam ainda dentro do plano da arquitetura poética do Cântico, a última passagem do universo exterior, onde os bem-aventurados serão coroados, para o universo interior, subjetivo, totalmente interiorizado na vontade divina, onde os vivos descansarão em paz e participação do olhar de Deus.

Com essa estrofe faz-se a passagem da vida ativa para a vida mística, contemplativa do ser humano, mas esta se inicia com uma espantosa advertência, ‘ai daqueles que morrem em pecado mortal’. Esse verso é como que um mergulho, ainda que rápido, às profundezas do abismo, uma antevisão terrível do que seria o inferno, a destruição do ser humano, abatido pelo pecado, ausência absoluta do divino.

Mas como vemos o sonho de Francisco é muito mais generoso e anseia pela redenção total da humanidade; a sua bondade volta, rapidamente, a contemplar a felicidade daqueles em que a destruição da alma não se fará porque todos estarão em conformidade com a vontade do Criador-Redentor, só assim a morte corporal não lhes fará mal.

¹⁰⁹⁰ Somos levados a acreditar que é sob a influência do contexto evangélico que Francisco constrói seu texto, nessa perspectiva lucana: “As quatro declarações seguintes, estritamente paralelas às bem-aventuranças, querem fazer sobressair as promessas, mas também as exigências. Elas não são maldições, nem condenações irrevogáveis, mas queixumes e ameaças: apelos vigorosos à conversão”. TeB, nota s. ao texto 6, 24-26.

¹⁰⁹¹ Para compreender os ‘ais’ no Evangelho de Lucas: JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977, p.219-226.

¹⁰⁹² Cf. SUSIN, L. C. Assim na terra como no céu. Brevilóquio sobre Escatologia e Criação. *Op. Cit.*, p. 170-171.

c.

Concretização do cuidado humano com a travessia final

Para o ser humano a irmã morte tem a função de fazer cair todas as barreiras. A possibilidade de uma plena realização de seus dinamismos latentes que não irromperam devido aos condicionamentos do tempo e do espaço. A pessoa se liberta de todas as amarras e seu impulso interior pode realizar-se segundo a lógica infinita.

Na travessia final vê-se em plena luz; a vontade, que se condicionada, irrompe para a comunhão imediata com o objeto do desejo; o cuidado essencial que se exerce em ambiguidades, encontra sua plena autenticidade; o corpo que permite comunhão e afastamento das outras criaturas é sentido como expressão plena de união com a totalidade do cosmos.

Na travessia final se dá o verdadeiro nascimento do ser humano, a implosão para dentro de sua plena identidade. A teologia chama a esse momento de absoluta realização de ressurreição. Ressurreição é muito mais que reanimar um cadáver e voltar à vida anterior. Ressurreição, plena concretização das virtualidades presentes no ser humano. Os apóstolos testemunham que tal evento bem-aventurado se realiza em Jesus de Nazaré no momento de sua morte na cruz. Por isso é apresentado como o “Adão novíssimo” (1Cor 15,4)¹⁰⁹³, a nova criatura que toca o final dos tempos. Ele é o símbolo real de que o ser humano pode nascer definitivamente.

Nesta perspectiva teológica e mística, não vivemos para morrer. Morremos para ressuscitar, para viver mais e melhor. A morte significa a metamorfose para esse novo modo de ser em plenitude. Ao morrer, Francisco, e todo ser humano deixa para trás de si um cadáver. É como um casulo que contem a crisálida. Cai o casulo e irrompe radiante borboleta, a vida em sua inteira identidade. É a ressurreição já na morte. É só assim que o místico nos convida, como bem-aventurado ao “louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal” (Ct 12). Quando nenhuma morte pode fazer-nos mal.

O sentido que damos à vida depende do sentido que damos à morte. Se a morte é fim-derradeiro, então de pouco valem tantas lutas, empenho e sacrifício. Mas se a morte é fim, como meta alcançada, então significa um

¹⁰⁹³ Cf. BOFF, L., São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 178.

peregrinar para a fonte, em irmanamento e esponsal místico “da sua santíssima vontade” (Ct 13). Ela pertence à vida e representa o modo sábio que a própria vida encontra para chegar a uma plenitude negada neste universo demasiadamente pequeno para seu impulso e estreito para sua ânsia de infinito. Somente o infinito pode saciar uma sede infinita. A irmã morte, portanto, pertence à essência mesma da vida, por mais que o eu profundo queira mais e mais a vida e anseie pela eternidade, a final, “Cada movimento respiratório é um sermão da montanha que nos ensina a nascer, na inspiração; a existir na pausa; a morrer na expiração”¹⁰⁹⁴.

Cuidar da travessia final é internalizar uma compreensão esperançosa da morte familiar, como irmã. É cultivar o desejo de infinito, impedindo que ele se identifique com objetos finitos. É meditar, contemplar e amar o infinito eterno como o nosso verdadeiro objeto de desejo. É acreditar que ao morrer caímos em seus braços para o abraço sem fim e para a comunhão infinita e eterna. A experiência dos místicos: a vida amada no Amado, o “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, transformada¹⁰⁹⁵.

A experiência mística de Francisco, permanentemente jovial e alegre, não impede de integrar em sua prática cotidiana a reflexão escatológica em realização, o pensamento da morte, que também assume novas formas individuais e coletivas no século XIII¹⁰⁹⁶. Há em primeiro lugar a devoção ao Cristo morto, à paixão, na qual se enraíza o episódio dos estigmas de Francisco.

“Felizes desde agora os que morreram no Senhor” (Ap 14,13). A irmã morte torna-se um evento salutar e celebrativo que conclui no ser humano em encontro sacramental com Cristo, inaugurado pelo Batismo e pela Eucaristia. Na medida em que se identifica com a morte de Cristo, a morte humana é o sacramento pascal da passagem deste mundo para o Pai¹⁰⁹⁷.

A mística de Francisco presente no último conceito realidade da sua vida, o último sim à vida, à irmã morte, portadora da vida eterna, já pertence à memória coletiva de nossa fé, uma referência obrigatória no seguimento radical

¹⁰⁹⁴ HENEZEL, M.; LELOUP, H.Y., *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9.

¹⁰⁹⁵ BOFF, L., Saber cuidar. *Op. Cit.*, p. 152-154.

¹⁰⁹⁶ LE GOFF, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 230.

¹⁰⁹⁷ GEFFRÉ, C. Morte. In: *DCT*, p. 1198.

de Jesus Cristo e ao exercício do cuidado humano com a travessia final. Ele constitui um permanente peso de consciência para todas as pessoas que nos impulsiona a sermos mais evangélicos, mais sensíveis à humildade de Deus e aos sofrimentos dos irmãos e irmãs, em mística humildade.

6.3.

A estrofe final: louvar e servir com mística humildade

Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade (Cnt 13).

As estrofes iniciais e finais e a frase que introduz cada uma das estrofes oferecem a chave de interpretação do Cântico em sua totalidade. Francisco contempla a criação inteira num estado de exaltação e louvor a Deus. O ser humano é convidado a respeitar a manifestação de Deus nas criaturas, e por intermédio delas louvá-lo. É inconcebível um antropocentrismo de tipo moderno, porque o ser humano está inserido na natureza para reconhecer nela a manifestação de Deus. Francisco desenvolve um olhar de profunda admiração e respeito pelo criado, porque nele descobre a força de Deus¹⁰⁹⁸.

O tema do louvor a Deus-Criador abre o Cântico de modo solene e absoluto, o Senhor é o objeto único de adoração e reverência do místico autor. O ser humano, posto em confronto imediato com a face divina aparece em sua pequenez e em sua indignidade, que é tão maior quanto mais se aproxima e se encontra com o Criador. Essa viva oposição, ressaltada no verso ‘e homem algum é digno de mencionar-te’, inclui não aqueles que ‘morrem em pecado mortal’ mas os bem-aventurados. Inclui a projeção autêntica do conceito em que se tem o próprio Francisco: ‘último entre os seus’ (cf. Fior 2). Mas ela abranda nos versos finais em que toda a humanidade é exortada a louvá-lo e bendizê-lo, servindo com grande humildade¹⁰⁹⁹.

O fecho do poema se faz com a humildade, com a qual se prostram as criaturas diante do Altíssimo inicial. Diante da bondade de Deus Altíssimo para com o ser humano e todas as criaturas, a atitude de Francisco não pode ser

¹⁰⁹⁸ Cf. JUNGES, J.R., *Ecologia e Criação. Op. Cit.* p. 61.

¹⁰⁹⁹ Cf. SOUZA, V.K.B., *Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. Op. Cit.* p. 407-408.

outra que de grande maravilha e estupor. A sua atitude é convocar todo o universo juntamente com o ser humano para louvar, bendizer, agradecer e servir ao Senhor com grande humildade. A mediação mais original da mística conquistada por Francisco para rejubilar-se no Senhor com todas as criaturas é a virtude da humildade, graças à qual ele, criatura finita se coloca diante de Deus, o infinito.

Da sua atitude de humildade derivante da auto compreensão de estar diante de Deus, surgem dois indicativos na sua vida: primeiro, o reconhecimento do Senhorio de Deus, não como força que oprime, mas Aquele que na sua potência criadora encanta o ser humano. O Cântico como estamos vendo consiste numa espécie de encantamento mútuo entre dois amantes. O segundo ainda derivante da humildade leva o ser humano a reconhecer que todo o universo é criação de Deus. Portanto, em Deus tudo é dom, tudo é doação por Ele mesmo, o doador e dom por excelência, porque Bondade¹¹⁰⁰.

O espírito de humildade que permeia a pessoa do pobre de Assis conduz sua atitude ao louvor, ao agradecimento a Deus pela sua criação por meio do Corpo e Sangue do Senhor, por meio da qual todas as coisas, no céu e sobre a terra, foram reconciliadas com Deus, o Onipotente, escreve o próprio santo:

E assim como ele se manifestou aos santos apóstolos na verdadeira carne, do mesmo modo ele se manifesta a nós no pão sagrado. E assim como eles com a visão do seu corpo só viam a carne dele, mas contemplando-o com os olhos espirituais criam que ele é Deus, do mesmo modo também nós, vendo o pão e o vinho com os olhos do corpo, vejamos e creiamos firmemente que é vivo e verdadeiro o seu santíssimo corpo e sangue. E, desta maneira, o Senhor está sempre com seus fiéis, como ele mesmo diz: Eis que estou convosco até o fim dos tempos (Ad 1,19-23).

O sentimento de gratidão de Francisco, não é nada mais que, um prefácio festivo de ação de graças pelo que Deus é vivido, na sua experiência mística. O Deus “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, expressões teológicas que são confrontadas, em ordem inversa, com as três da última estrofe: “Louvai e bendizei a meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade”: a expressão Onipotente, já analisada anteriormente, é confrontada com servi-o. Isto é, Deus é o Onipotente, nós somos os servidores. Jesus é ao mesmo tempo

¹¹⁰⁰ Cf. LE GOFF, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 28-29. Neste mesmo sentido temos Lázaro Iriarte, estudioso franciscano citado, que ressalta a atitude de Francisco profundamente marcada pela ação de graças, por Deus que é Bondade plena pela criação, cf. IRIARTE, L., *Vocação Franciscana. Op. Cit.* p. 140-149.

o Senhor-Onipotente e servo que se esvaziou: o mesmo Jesus que entoia o Cântico e que “perdoa por vosso amor, suporta enfermidades e tribulações”(cf. Cnt 10)¹¹⁰¹.

Francisco aponta para um novo espaço que precisa ficar aberto ao poderio do Senhor e à sua santidade, espaço novo aberto à obediência. Esta atitude que, antes de tudo, não é distinta da relação fraterna com todas as criaturas que proclama no Cântico. Francisco não sabe ser irmão, sem ser menor, sem servir e sem estar sujeito a todas as criaturas de Deus. O respeito reverente para com todas as criaturas, tão característico do *Poverello*, não é outra coisa senão uma maneira de servir (cf. LP 49-51).

6.3.1.

“Louvai e bendizei ao meu Senhor e rendei-lhe graças”: o Sumo Bem.

O Cântico, como oração - e somente nesta perspectiva mística e este aspecto, enquanto oração abordamos aqui neste estudo - é marcado pela característica de um coral ao qual todas as criaturas são chamadas a unir-se juntamente com o místico cantor do louvor de Deus.

Esta característica faz do Cântico como que o Magnificat¹¹⁰² de Francisco, é em perspectiva litúrgico-sacramental, sob a forma de salmo ou cântico bíblico, à lembrança do cântico dos “três jovens na fornalha” (Dn 3), como já acentuamos, e mais ainda porque tudo é visto e sentido como sinal de uma realidade mais profunda do que mostra na aparência. O sol, a lua, as estrelas com sua luminosidade, o ar, a água, a terra, o fogo são sinais da providência materna universal estabelecidas para o louvor e o bendizer ao Senhor. Render-lhe graças. Desta maneira o louvor do Altíssimo é ao mesmo tempo, invocação do Senhor que é Sumo Bem a fim de que nos torne capazes de tributar-lhe todo louvor¹¹⁰³.

Esta bondade única de Deus, o que até agora dissemos deve fazer-nos compreender melhor o louvor a Deus sob um outro nome que Francisco dá

¹¹⁰¹ Cf. PEDROSO, J.C.C. Maria Franciscana. *Op. Cit.* p. 14.

¹¹⁰² Cf. VELASCO, J. Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração. *Op. Cit.* p. 68.

¹¹⁰³ Cf. MARIANI, E. Oração. In: *DF*, p. 503.

frequentemente ao Senhor: o Sumo Bem (cf. RNB 23,27-30; RB 17,17-18; LDA). Assim a bondade de Deus é celebrada por Francisco através de todas as expressões pelas quais o exalta como autor de todos os bens da natureza e da graça que estão no ser humano. Recordamos estas expressões, na RNB 23:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos; e ele receba todas as honras e reverências, todos os louvores e bênçãos, todas as graças e glória (cf. Ap 5,12), ele, de quem é todo o abem, o único que é bom (cf. Lc 18,19) (RNB 17). Ainda: “Onipotente, santíssimo, altíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo, Senhor Rei do céu e da terra, nós vos rendemos graças por causa de vós mesmo, porque pela vossa santa vontade e pelo vosso único Filho com o Espírito Santo criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós (RNB 23).

Francisco contempla os vestígios da bondade de Deus, por isso o seu louvor à sua bondade, em toda a criação, como revelam abundantemente os biógrafos (cf. 1Cel 80, 83; 2Cel 165-171; LM 9,1; LP 51) e como se depreende do Cântico¹¹⁰⁴. O Cântico encerra a em máxima expressão da *pietas*, a virtude de Francisco orante, místico sob o dom do Espírito, através da qual se dirige a Deus Senhor, autor de toda bondade, o louvor permanente.

Quando para Francisco, todas as coisas são uma carta enviada por Deus a seus filhos, nada há que não reze e não louve seu Senhor e tudo convida à oração, ao louvor e prosseguimento de Jesus. Portanto, as formas do seguimento de Jesus deixam na história tanto os monumentos significativos de como se vive a mística cristã nas diversas culturas e épocas quanto aos textos que buscam expressar experiências pessoais e comunitárias de realidades que não podem ser descritas com conceitos e palavras no sentido próprio, mas que só se traduzem em linguagem metafórica e poética¹¹⁰⁵, é o que testemunhamos aqui.

A grande maioria dos textos místicos, a partir dos quais se esboça o que é a vida mística cristã, não somente são poéticos e precisam ser lidos como expressões icônicas ou simbólicas de experiências indescritíveis. Também, na maioria das vezes, são elaborados por místicos, teólogos e autores espirituais que demonstram ter plena consciência da tradição teológica da Igreja, fundada

¹¹⁰⁴ Cf. POMPEI, A. Deus. In: *DF*, p. 149-150.

¹¹⁰⁵ Cf. CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã. Op. Cit.* p. 44.

no Espírito de Jesus e manifestado nas Escrituras, em relação dialogal com a sua realidade epocal e seus desafios.

Conclusão parcial

A alegria orienta o movimento de reconhecimento e de louvor. Mesmo as combinações binárias das criaturas para harmonizá-las nas mesmas estrofes são significativas e reveladores de uma visão espiritual mística que transcende a dimensão efêmera da criatura, transfigurando-a na paz do primeiro amor. Francisco não associa, por exemplo, a água e o sol que nela se reflete. É o irmão vento que engendra o vigor vital e a fecundidade, para que a água seja geradora e guardiã da vida e também símbolo da água viva que jorra para a eternidade, no vigor inexaurível do Espírito Santo.

Francisco vive esta intimidade com todos os seres por que escuta sua ressonância simbólica dentro da alma, unindo a ecologia ambiental com a ecologia mental e profunda, jamais se situa acima das criaturas, mas ao seu pé, verdadeiramente como irmão, descobrindo os laços de consanguinidade que unem a todos. Estamos todos umbilicalmente ligados ao Pai materno, Criador e provedor universal. Desta atitude nasce uma imperturbável paz, sem medo de ameaças, paz de quem se sente em casa com os irmãos e as irmãs.

O Cântico é o hino de quem caminha, de quem é peregrino¹¹⁰⁶ que passa e vê, extasia-se, mas não toma posse. Como um legítimo medieval, Francisco é o trovador que sente a limitação de suas palavras que vão brotando, mas na impossibilidade de dizer o seu Senhor, convoca todo o cosmos. A sucessão dos elementos, dos casais de imagens, como vimos, segue uma ordem perfeita, como escreve frei Vitório Mazzuco: “Uma esplêndida composição de um trovador enamorado sob a janela do universo”¹¹⁰⁷.

A vida eterna, não ser contaminando pelo mal da ‘morte segunda’, é Novos Céus e Nova Terra, Nova Jerusalém e Sábado Eterno... às criaturas pela palavra criadora de Deus, que é fiel e não volta atrás naquilo que faz. Toda a

¹¹⁰⁶ A vida como um peregrinar, os cristãos devem sentir-se e comportar-se neste mundo como estrangeiros. É este a realidade compreendida por Francisco. Para o sentido cristão de peregrinar, movimentar-se na itinerância, deslocar-se sem fixar morada, como sinônimo de pobreza evangélica na Idade Média, ver: BRAGANÇA, J.O. *Liturgia e Espiritualidade na Idade Média*. Lisboa: UCE, 2008, p. 507-521.

¹¹⁰⁷ MAZZUCO, V. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 108.

criação, resgatada, será o ‘lugar’ jubiloso, a cidade cordial e o tempo dominical que constituem a vida feliz, ‘não morrer’ (de morte segunda), vida eterna. Este é o aspecto cósmico-temporal do céu, sob a confiança nas palavras de Jesus: “Todos os que o Pai me dá virão a mim, e aquele que vem a mim, eu não o rejeitarei... Ora, a vontade d’Aquele que me enviou é que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas que eu os ressuscite no último dia” (Jo 6, 37.39).

Francisco conquista, com a elaboração da paz e da morte, a reconciliação da sua humanidade com a síntese última. É a compreensão absoluta de que o ser humano pode, pelo amor, abrir-se de tal modo a Deus, aos outros e, por conseguinte, ao cosmos, que chega a esvaziar-se totalmente de si mesmo e plenificar-se na mesma proporção, pela realidade dos outros, da natureza das criaturas e de Deus. Ora, isso se dá exatamente com Jesus Cristo. Nós outros, irmãos de Jesus, temos recebido de Deus o mesmo desafio: de nos abriremos mais e mais a tudo e a todos, para podermos ser, à semelhança de Cristo, repletos da comunicação divina e humana. Para o futuro, à luz do futuro, esse futuro manifestado em Jesus da encarnação à ressurreição. É que o futuro de cada ser humano está, não certamente na terra, mas na morte e para além-morte, em poder realizar, com fé e esperança, a capacidade de infinito que Deus infundiu em seu ser.

Francisco corrige a irracionalidade de estruturas assimétricas através de relações recíprocas de fraternidade. Para ele, o caminho da paz, da não-violência é mais importante que a chegada. A finalidade é a caminhada, a estrada se torna o ‘convento’.

A fraternidade com os pobres ele apresenta como uma condição da transferência estrutural, da transferência para a periferia, e do encontro e da permanência com os pobres. Se a contemplação em Francisco é um elemento tão profundo que reproduz as chagas de Jesus Crucificado no seu próprio corpo, a imaginação poética sob a exigência da palavra de bem-aventurança no conflito e na morte, é capaz de oferecer uma contribuição substancial para confortar e sarar as chagas do povo sofrido. Os excluídos – nos confins do mundo e no meio de nós – esperam a companhia itinerante, a palavra profética a imaginação alternativa.

O ser humano evangélico tem clara consciência de estar no mundo e de viver uma natureza concreta, com coisas, seres animados e inanimados e com

animais. Sua relação com esse mundo é também vital e afetiva. A natureza de todas as criaturas, das que perdoam e são amadas e das que sem necessidade de perdão, são profundamente amadas e respeitadas, para Francisco formam o horizonte da festa da gratuidade e do louvor ao Criador. O Cântico é a máxima expressão gozosa do encontro fraternal com entre as criaturas e diante do Criador. Para os pensadores franciscanos, a natureza e as coisas que a compõem são algo mais do que coisas, pois têm uma *mais-valia* ôntica e reclamam a presença do irmão ser humano como algo entranhável e como ser amigo. Diante da crise ambiental que vivemos a mística franciscana pode oferecer uma sã e sadia pedagogia de como habitar no mundo¹¹⁰⁸.

Se todos são irmãos e irmãs em Casa, algo do paraíso se anuncia. Francisco mostra que não é somente a recordação ou saudade, é muito mais, é sua bem-aventurada presença mística entre nós. É o que passaremos a compreender no último capítulo, quando deveremos aprofundar algumas conclusões a que chegamos da pesquisa do Cântico, sua vitalidade constitui-se em instrumento fundamental, síntese da mística de Francisco, sua canção de celebração da vida. Resultado da contribuição de Francisco para o seguimento de Jesus Cristo em louvor integral e cósmico com todas as criaturas.

Com uma citação de Gustavo Gutiérrez, encerramos este capítulo e introduzimos ao mergulho, sob a experiência de Francisco, para uma reflexão que seja um caminho místico, um despertar em nós, sempre de novo e renovado desafio: “Sem “cânticos” a Deus, sem ação de graças por seu amor, em oração, não existe vida cristã”¹¹⁰⁹.

¹¹⁰⁸ Cf. MERINO, J.A., Antropologia. *Op. cit.* p. 221-222.

¹¹⁰⁹ GUTIÉRREZ, G., Beber do próprio poço. Itinerário espiritual de um povo. *Op. Cit.* p. 19.